

Organização:
André Amorim Martins



na
pandemia
faço
arte

André Amorim Martins
Organizador

Na pandemia faço arte

Divinópolis (MG)
2022

UEMG

Reitora: *profa. Lavínia Rosa Rodrigues*

Vice-reitor: *prof. Thiago Torres Costa Pereira*

Chefe de gabinete: *Raoni Bonato da Rocha*

Pró-reitora de Graduação: *profa. Michelle Gonçalves Rodrigues*

Pró-reitor de Extensão: *prof. Moacyr Laterza Filho*

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: *profa. Vanesca Korasaki*

Pró-reitora de Planejamento, Gestão e Finanças: *Silvia Cunha Capanema*

UEMG Unidade Divinópolis

Diretora: *profa. Ana Paula Martins Fonseca*

Vice-diretor: *prof. André Amorim Martins*

Coordenadora de Extensão: *profa. Janaina Visibeli Barros*

Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação: *prof. Michael Jackson Oliveira de Andrade*

Projeto gráfico e diagramação: *Isabella Marques*

Capa: *Diêgo Garcia*

Revisão: *Elvis Gomes*

Apoio: *Assessoria de Comunicação da UEMG Divinópolis*

P189 Na pandemia faço arte [recurso eletrônico] / organização: André Amorim Martins. – Divinópolis : [s. n.], 2022.
127 p. : il.

ISBN: 978-65-00-53858-8

1. Arteterapia. 2. Acolhimento. 3. COVID-19.

I. Universidade do Estado de Minas Gerais. II. Martins, André Amorim. III. Título.

CDD 616.891

CDU 615.8

(Elaborada pela bibliotecária Lorena J. Melo Mendonça – CRB-6/3161)

Sumário

Introdução	5
Capítulo 1: Superação e arte	9
1.1 Beatriz Gontijo	9
1.2 Edna Domingos da Silva Belo	15
1.3 Fabiana de Cássia Barbosa	21
1.4 Rosimeire Maria Pereira	26
Capítulo 2: Aprendendo com a arte	33
2.1 Alexsandra Aparecida Monteiro Ramos	33
2.2 Giovanna de Almeida Santos	39
2.3 Pricila Scalioni Moreira	51
Capítulo 3: Escrever é uma arte	58
3.1 Aline Tavares	58
3.2 Cidinha Ribeiro	62
3.3 Cláudio Guadalupe	66
3.4 Denise Arantes	70
3.5 Júnia Paixão	76
Capítulo 4: Diversidade artística	80
4.1 Guilherme Rodrigues Guadalupe	80
4.2 Joel de Lara	85
4.3 Maria Cândida Duarte	89
4.4 Ana Moreira	92
4.5 Laura Franciscani	93
4.6 Cíntia Fernandes	96

Capítulo 5: A arte como expressão da vida

	99
5.1 Élide Flavia de Paula Santana	99
5.2 Iara Helena Eugenio	102
5.3 Neide Aparecida da Silva	106
5.4 Paula Fernanda Eugenio	111
5.5 Sílvia de Assis Costa e Silva	115
5.6 Valério Batista Peguini	119
Sobre os autores	124

Introdução

André Amorim Martins

Nos últimos anos, tenho acreditado, com bastante interesse, na ideia de que o mundo é feito de contradições. Essa ideia de mundo, oriunda da perspectiva dialética, apresenta que, entre dois eventos ou fenômenos (Eu-Mundo), há um processo de interlocução complexo, de linguagens formais e informais e que está em plena transformação. Assim como em toda produção humana, há uma complexidade de elementos presentes que também me faz acreditar que toda produção neste mundo ocorreu a partir de muito trabalho e não por acaso. Alguém parou para pensar e executar todo esse processo.

Com o passar do tempo e da riqueza vivida pelas experiências das pessoas, essa atuação no mundo torna-se mais direcionada e a “intensão” de transformar o mundo é mais consciente e tende a ser mais compartilhada pela sociedade.

Nesta pandemia, portanto, tivemos essa intercessão entre o Eu-Mundo colocada com um grande teor de tragédia e contradições. Países que conseguiram controlar a transmissão do vírus de maneira exemplar e outros não. Países que utilizaram compreensões consensuais para resolver as questões sociais e outros não. Países que protegeram suas populações e outros não. Ou seja, com o mesmo problema para todos, tivemos diversas contradições.

No curso de Psicologia da Universidade do Estado

de Minas Gerais (UEMG) Unidade Divinópolis, quando nos colocamos para lidar com este problema, inventamos novas estratégias para uma conexão com o mundo, utilizando as ferramentas que tínhamos naquele momento: que eram as plataformas virtuais. Realizamos palestras *on-line*, curso sobre atendimento psicológico na modalidade virtual etc. Com a abertura das atividades de estágio, permanecemos na modalidade *on-line* e nos foi dada a opção de implantar projetos que buscassem responder à demanda social. Assim, inventei o projeto “Na pandemia faço arte”.

“Na pandemia faço arte” surge da minha inquietação de ofertar algo para o mundo que apresentasse, no meio deste grande problema global, algumas estratégias feitas por pessoas sobre como elas lidaram, de maneira artística, com este conturbado momento da nossa história.

Recolhemos (eu e cinco estudantes do curso) histórias de artistas de diversas áreas: escritoras, cuteleiros, costureiras, ceramista, músicos. Metodologicamente, utilizamos como marcador a relação da história de vida com a arte produzida. Não havia questões norteadoras ou questionário fechado. Era um momento destinado aos artistas para falarem das suas histórias, produções, inquietações. Coube ao estudante ser o narrador de cada história. E cada história escrita foi revisada pelo seu proprietário.

Não estipulamos quantidade de encontros. Não havia estrutura a nos encaixarmos. Na dialética, nos propusemos ao encontro com suas diversas

contradições. Tivemos artistas que se propuseram a encontrar uma vez e outros que realizaram uma pseudoterapia. Aproveitaram que eram estudantes de Psicologia e nos “intensionaram” para um local que não buscamos inicialmente, mas que aconteceu e realizamos conforme novos objetivos construídos no caminho.

Como atividade de estágio, realizamos encontros semanais para a gestão das atividades. Neste lugar de supervisor, é sempre uma grande riqueza acompanhar o desenvolvimento dos estudantes neste projeto. Inicialmente, questionamos se teríamos êxito, mas, na primeira semana de divulgação, já tínhamos uma demanda para o nosso projeto. Nas primeiras supervisões, realizamos uma apropriação sobre os encontros sensíveis, a importância de estarmos abertos para os encontros que o mundo oferta e como produzimos linguagens sobre isso. Nessa elaboração, o estudante teve de lidar com a gestão do encontro (marcar o horário, definir a plataforma virtual do encontro, estar preparado para coletar as informações) e as competências e habilidades para desenvolver o conteúdo durante o encontro e, após este, com o registro da história para a elaboração do texto.

Como o texto é uma atividade laborativa, de propriedade do estudante escritor, há a intenção do escritor sobre a história contada pelo artista. Temos aqui, novamente, uma intercessão de Eus-Mundos: eu estudante/artista x mundo artista/estudante. Essa parte

de elaboração é um processo importante da formação no curso de Psicologia, pois não somos somente escuta; somos, enquanto profissão, produtores de discursos em um formato de elaboração significativa. Nossa escrita toma uma característica de certa “oficialidade”, de pessoas que assumem o “direito” de poder produzir linguagens/histórias sobre os outros. Mesmo que tenhamos essa “oficialidade”, foi fundamental voltarmos o texto para o artista revisar sua história contada, pois queríamos que fosse uma produção de muitas mãos, um texto para além das margens deste papel, desta visão horizontal e vertical. Será importante que o leitor compreenda que, atrás de cada letra aqui impressa, há uma raiz profunda que busca se conectar aos diversos mundos. Quem sabe conseguiremos fazer um texto raiz?

Assim, espero que cada leitor deste livro, em cada lugar que ele consiga acessar, possa disparar novas histórias e contradições. Espero que as histórias daqui possam fazer raízes nas novas histórias que surjam aí.

Capítulo 1

Superação e arte

Entrevistas a Dalila Gotlib Basilio

1.1 Beatriz Gontijo

Apaixonada pela arte de moldar o barro, a entrevistada Beatriz Gontijo é uma mulher aposentada, natural da cidade de Divinópolis e reside no distrito de Santo Antônio dos Campos (Ermida), onde tem um ateliê no qual oferta cursos. Contudo, devido ao contexto atual ocasionado pela COVID-19, as atividades estão paradas, sem data prevista para retorno. Beatriz também atua como ceramista, produzindo peças individuais assinadas por ela (BZ Cerâmica Artesanal), produções estas que, antes do cenário atual, eram exibidas em exposições.

Na infância, a entrevistada era uma criança extremamente criativa, já dando indícios de um possível engendramento no mundo da arte, tendo seu primeiro contato com o barro aos 7 anos de idade, quando sua vizinha Dona Nélia trazia da fazenda dela a matéria-prima, ensinando-a a cerâmica. Contudo foi somente na adolescência, com mais ou menos 14 anos, que Beatriz entrou, de fato, nesse caminho do artesanato, por meio de três irmãs que moravam no município de Carmo do Cajuru e eram conhecidas por Irmãs Carolas (Maria, Divina e Dona Lourdes), fazendo com que, movida pelo interesse de aprender a arte da

cerâmica, saísse todos os sábados de Divinópolis, pegando um ônibus em direção a Carmo do Cajuru para as aulas e aprendendo a fazer potes e panelas que, na época, segundo Beatriz, eram uma arte de caráter primitivo, ou seja, tudo era feito à mão, não havendo a presença do torno.

Na sequência dos fatos, a entrevistada, ao ficar mais velha, teve de ir estudar e morar fora, o que fez com que ela tivesse de abrir mão do seu contato com a arte. Beatriz relatou que seu sonho era cursar a faculdade de Belas Artes. Entretanto era uma faculdade muito cara e com pouco prestígio social na época, fazendo com que seu pai não a apoiasse (segundo ele, a entrevistada tinha de seguir uma profissão que lhe garantisse retorno). Com isso, Beatriz seguiu os caminhos de sua segunda opção de carreira, cursando, então, a faculdade de Nutrição.

Ao finalizar o curso, retornou para as suas atividades artísticas envolvendo a cerâmica, só que, nessa época, a entrevistada não podia se dedicar inteiramente ao artesanato, tendo de conciliar as produções com seu trabalho (na época, ela trabalhava como nutricionista, prestando serviços para a Prefeitura de Divinópolis). Consequentemente, depois de um tempo, Beatriz conta que começou a aprender a fazer esculturas, tendo como professor o escultor Sinfrônio Resende, que morava em Carmo do Cajuru, era natural do município de Formiga e realizava, também, trabalhos em Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, junto com a também escultora Ana Maria Campos e outros es-

cultores da época, o que resultou com que Beatriz fizesse cursos, se aperfeiçoando na área. Aqui, ela deixa claro que o que faz o artista é a “sua criatividade em fazer, em testar, em experimentar e em tocar o barro”.

Dessa forma, as peças feitas por Beatriz seguem o caráter primitivo de suas professoras (Irmãs Carolas), sendo trabalhos feitos à mão. A entrevistada conta que, em alguns trabalhos, utilizou tintas naturais – que ela aprendeu a fazer – para dar o acabamento final. Desse modo, ela não utiliza o torno manual nem o torno elétrico, mas apenas a roldana de mesa quando é preciso realizar alguma curvatura na peça.

Beatriz relata que o fato singular de seu trabalho está no movimento artístico de suas peças. Seja na produção de uma peça cerâmica ou na construção de uma escultura, a obra tem de apresentar um movimento: “Assim como nós, as peças também têm um movimento de vida, expressando um sentimento”. Sobre este sentido, a entrevistada nomeou três de suas obras de acordo com a primeira sensação, o sentimento e o pensamento que lhe vinham à mente:

Figura 1: Acolhimento



Fonte: Beatriz Gontijo

Figura 2: Pureza



Fonte: Beatriz Gontijo

Figura 3: Força e poder



Fonte: Beatriz Gontijo

Fazer arte no contexto da pandemia, para Beatriz, proporciona o encontro interior consigo mesma e com suas sombras e imperfeições, que precisam ser lapidadas, possibilitando um autoconhecimento. Consequentemente, segundo Beatriz, este caos que todos nós estamos presenciando faz com que ela enxergue a real beleza e os privilégios da vida, ao poder compartilhar seu conhecimento e mostrar suas obras. Ela chega a citar que sente enorme falta de expor suas obras em exposições e do contato com as pessoas que apreciam seu trabalho.

1.2 Edna Domingos da Silva Belo

Compartilhando do mesmo amor pela Psicologia, Edna é uma mulher de 36 anos, ainda casada (em processo de separação) e mãe de duas filhas. Atualmente, é formada em Psicologia, tendo se graduado na Faculdade Pitágoras (Unidade Divinópolis), onde estudou durante os anos de 2016 a 2020. Consequentemente, ela relata que nasceu no Estado de Mato Grosso do Sul e reside em Divinópolis há apenas seis anos.

Pertencente a uma família extremamente conservadora e religiosa, Edna conta que suas lutas começaram desde cedo. Nesse sentido, em uma determinada época de sua infância, seu pai a tirou da escola, levando a família para morar na zonal rural, mais precisamente na fazenda onde seu avô vivia (primeiro contato com a arte do bordado). A entrevistada relata que, com mais ou menos 5 anos de idade, percebeu que estava fora dos padrões impostos por sua família. No entanto, aceitava tudo sem questionar. Ela ain-

da afirma que, na época da infância, seus pais a proibiam até de brincar com outras crianças.

À mostra disso, Edna conta que era vista como um modelo para as outras adolescentes, que a observavam como um exemplo a ser seguido a fim de se alcançar a perfeição. Ela seguia os jejuns à risca, passava a maior parte do dia se dedicando a leituras de caráter religioso ou orando, participava do coral da igreja e frequentava todos os cultos. Melhor dizendo: vivia em nome da religião que lhe foi ensinada desde muito cedo.

Nessa linha de raciocínio, ela relatou que, na sua família, só havia uma prima que estudou e seus dois irmãos que fizeram um curso técnico: “Eu era privada até de escolher a minha profissão, pois sempre fui ensinada a olhar um mundo só”. Edna conta que, para a sua família, ela deveria se casar e se tornar dona de casa, assim como sua mãe. Logo, assim o fez e, com 17 anos de idade, se casou.

Aproximadamente em 2009, Edna conta que teve seu primeiro contato com um tipo de bordado específico, o vagonite, pois foi uma etapa na qual ela vivia isolada dentro de sua casa (de 24 a 26 anos). No período em que estava grávida: “O vagonite me ajudou a não entrar em depressão. A depressão sempre quis atormentar-me, pois, na minha vivência, havia um não saber o que fazer com o tempo que sobrava”. Edna relata que sua mente estava, a todo momento, procurando preencher o espaço vazio, o que na época ocasionou um forte sofrimento psíquico.

Figura 4: Vagonite



Fonte: Edna Domingos da Silva Belo

Posteriormente, ainda residindo no Mato Grosso Sul, em meados de 2013 a 2014, a entrevistada trabalhou em uma escola estadual (Santa Elvira), ensinando vagonite no projeto dela, intitulado “Mais educação”, para crianças e adolescentes na faixa de 7 a 14 anos. Conseqüentemente, no final de 2014, seu marido, que até então trabalhava como caminhoneiro, recebeu uma proposta de seu antigo chefe, o que resultou em sua mudança para Minas Gerais. Contudo, após dois anos residindo em Divinópolis, o chefe de seu marido veio a falecer: “Aqui a nossa luta realmente começou”.

Com o passar do tempo, em 2016, Edna conta que criou coragem, resolvendo iniciar a faculdade e escolhendo o curso de Psicologia, principalmente devido a uma palestra a que havia assistido em Belo Horizonte, o que fez com que ela percebesse que estava disposta a mudar seu mundo. A entrevistada relata, ainda, que, no início, tudo foi muito difícil, pois era uma experiência completamente nova: “Medo de tudo que era novo”.

Desse modo, Edna conta que a palavra-chave da sua vida é “se reinventar”, elencando momentos de sua vida (nomeados por ela como pontos de pico) nos quais a presença do bordado, principalmente do vagonite, foi essencial. Primeiramente, quando ela se mudou para a fazenda e viu no bordado uma forma de ocupação do tempo, uma ocupação que, por um lado, para ela, era prazerosa e, por outro, não ia contra a vontade de seus pais. A segunda corresponde ao período em que estava grávida de suas filhas, no qual o

vagonite veio como uma estratégia de defesa para que ela não entrasse na depressão. E, por último, mas não menos importante, o contexto atual da pandemia, que veio engendrado com seus problemas conjugais e a criação de duas filhas adolescentes.

A entrevistada conta que, desde 2018, iniciou na terapia de base psicanalítica, relatando que, através deste tratamento, pôde conseguir mudar o cenário de seu sofrimento psíquico. Ela viu no bordado uma espécie de ferramenta de alívio da ansiedade e dos sintomas depressivos. Entretanto, mesmo incorporando uma válvula de escape que a auxiliava nos momentos de sofrimento, Edna relata que criou uma certa dependência dessa prática artística, fazendo com que viesse a trabalhar essa problemática na terapia, visto que, segundo ela, foi essa mesma dependência que a manteve presa à igreja por tanto tempo no passado.

A respeito da arte que exerce, a entrevistada conta que, até o momento, não havia pensado em obter retorno com suas produções. Até mesmo no passado, quando atuou no projeto “Mais educação”, um trabalho voluntário. Logo, com a terapia, pela primeira vez, ela pensou em juntar algo que lhe trazia sentido e prazer com a obtenção de um retorno, pois, talvez, a partir do momento que começasse a vender suas produções, aquele seria um caminho para que ela não ficasse dependente psiquicamente do ato de bordar. À vista disso, Edna cita sua atual luta – o divórcio –, falando que, assim como a arte do bordado, ele é um movimento da vida porque “casamento não sustenta o viver”.

Por conseguinte, Edna relata que o curso de Psicologia trouxe grandes reviravoltas em sua vida, pois transformou seu modo de pensar e enxergar o mundo, fazendo com que ela fosse enxergada como a “ovelha negra” da família, principalmente agora, com seu processo de divórcio em andamento. A entrevistada conta que, para sua família, “somente a religião liberta”, um argumento que, para ela, está enraizado no poder e na manipulação. Sendo assim, Edna relata que se deve ver a essência dessa frase, ou seja, ressaltando a importância do conhecimento, do saber, pois, ao mesmo tempo em que construímos algo, também desconstruímos.

Edna ressalta a importância do vagonite em sua vida, deixando claro que hoje borda apenas por prazer:

Sinto-me feliz quando vou iniciar uma nova tira para bordar um pano de prato. Cada tira que bordo é um prazer diferente. Presenteio minhas tias com meus panos de prato. Sinto felicidade ao ouvir alguém dizer que ficou lindo o bordado. Eu aprendi a amar cada linha que vai se formando o desenho, mesmo eu não sabendo o nome ou formato. Isso é o que mais me chama a atenção, é um desenho que não tem identificação, mas que gera muito prazer ao finalizar a arte. Uma história que se iniciou para que eu pudesse me livrar da depressão e que, hoje, me promove um senso de pertencimento e autorrealização, assim vivenciando e construindo o meu universo do mundo vazio.

1.3 Fabiana de Cássia Barbosa

Apaixonada por um estilo de vida saudável, a divinopolitana Fabiana é uma mulher, mãe, avó e microempreendedora, estando atualmente solteira (divorciada). Ela relata que, desde nova, era uma criança de personalidade forte, sendo extremamente criativa e se interessando, constantemente, por coisas novas. Entretanto ela nos conta que até o seu nascimento foi marcado por lutas (fórceps obstétrico): “Como se eu não quisesse vir ao mundo”.

A vista disso, ela relata que, para a época, era considerada uma criança rebelde, estando fora dos padrões, o que ocasionava constantes conflitos entre sua família, principalmente em relação à convivência com sua mãe. Nesse sentido, Fabiana conta que, durante sua infância, na adolescência, na juventude e em partes da sua vida adulta, teve de se encontrar, uma caminhada que lhe acarretou grande sofrimento, mas, ao mesmo tempo, lhe permitiu evoluir (se construindo e auto-desconstruindo), transformando suas experiências. Melhor dizendo: “Eu aprendi a me tornar mulher”.

Pode-se dizer que traços daquela Fabiana da infância, a garotinha criativa, nunca desapareceram; pelo contrário, eles estão cada vez mais presentes. Um exemplo disso é a paixão que a entrevistada tem pela arte reciclável: “O meu trabalho é transformar lixo em arte”. Dessa forma, ela usa, como matéria-prima, objetos e utensílios que foram descartados por outras pessoas e os transforma em peças artísticas, seja um objeto personalizado ou um item de decoração.

Figura 5: Mandala



Fonte: Fabiana de Cássia Barbosa

Sobre esse sentido, Fabiana, além de manifestar sua criatividade através do lixo, dissemina para outras pessoas essa forma de produção artística. Logo, a entrevistada ministra uma oficina de arte reciclável no projeto “Arte, poesia e vida” (localizado no bairro São José, em Divinópolis, na antiga Vila Vicentina), no qual sua principal atividade é a criação de mandalas feitas com folhas de revistas e a colagem de latas, contando com a participação de mulheres e alguns jovens da região. Além da arte reciclável, o projeto ofertava oficinas de dança, teatro, origami e contadores de história, dentre outros. Fabiana relata que, às vezes, apareciam para as oficinas mulheres que eram pacientes psiquiátricas/psicológicas que encontraram o projeto por meio de terceiros e iam com o propósito de conhecer o ambiente, destacando-se aqui, segundo a entrevistada, como o projeto contribuía para a reintegração psicossocial dos participantes. Contudo, devido ao contexto atual da pandemia ocasionada pela COVID-19, o projeto está com suas atividades paradas. Fabiana relata que antes eram realizadas feiras com essas peças artísticas, e o dinheiro arrecadado era destinado a obras de caráter social.

Seguindo essa linha de raciocínio, a entrevistada relata que a arte transforma a vida das pessoas. Um exemplo claro disso, segundo ela, é que até o lixo pode receber um caráter subjetivo, visto que nem tudo que é descartado por uns é necessariamente considerado lixo para outros. Outro ponto a se destacar é que a entrevistada tem um microempreendi-

mento, que consiste na produção de farofas, e, agora, mais recentemente, a criação de um bistrô, ambos de caráter vegano, contendo receitas criadas inteiramente por ela e evidenciando, assim, que suas produções não se limitam apenas ao campo da arte reciclável, mas também ao campo da arte culinária. Sobre esse sentido, a entrevistada relata como é prazeroso e gratificante poder levar sua criação, sua criatividade e seu conhecimento em forma de sabor para outras pessoas – as criações dela conquistaram o paladar de pessoas que não necessariamente são adeptas ao veganismo –, contribuindo, assim, para a desconstrução de que essa forma de alimentação seria apenas para pessoas com alto poder monetário, ou seja, um estilo de vida elitizado.

Figura 6: Divina Farofa Vegana Tradicional



Fonte: Fabiana de Cássia Barbosa

1.4 Rosimeire Maria Pereira

Mulher divinopolitana, a penúltima de cinco irmãs, mora com seu marido, Eduardo, há cinco anos, sendo casada há três anos e não possuindo filhos. Rosimeire é uma entrevistada diferente das demais, algo que tornou seu relato único. Melhor dizendo: ela se encontrou na arte respeitando o contexto atual da pandemia ocasionada pela COVID-19.

Começou, desde muito pequena, a auxiliar a mãe nos afazeres domésticos e no cuidado de seus irmãos, vindo, mais tarde, conseqüentemente, a trabalhar numa espécie de “padaria-armazém-bar” (que ofertava produtos do ramo da panificação, de mercearia e de bebidas alcoólicas), do qual seus pais eram proprietários, ajudando, assim, no sustento da família. Logo, por estar engendrada nesse ambiente, ela relata que, desde muito cedo, começou a ver as pessoas bebendo, algo que, segundo ela, parecia, para eles, ser bastante prazeroso, e a ter que lidar com pessoas adultas embriagadas, visto que Rosimeire ficava até altas horas da noite ajudando o pai.

Posteriormente, com mais ou menos 20 anos de idade, Rosimeire optou por sair da casa dos seus pais em busca de autonomia e independência. Até então, ela trabalhava com o pai. Entretanto não recebia um salário, fora que os conflitos entre ela e a mãe eram constantes, e o sentimento de não pertencimento daquele lar era o único que prevalecia naquele momento. A partir daquele momento, ela relatou que entrou

no mundo dos vícios, tornando-se alcoólatra ainda na juventude.

Respeitando a sequência dos fatos, com o passar do tempo, Rosimeire optou por procurar ajuda. Durante o tratamento, encontrou seu primeiro namorado, que, na época, também era um dependente químico. Consequentemente, ela permaneceu ao lado dele por longos 10 anos. A entrevistada relata que, durante esta fase da sua vida, os conflitos com os familiares só aumentaram, devido ao fato de seu companheiro estar na mesma situação que ela, ou seja, no entendimento de sua família e amigos, um “viciado”, o que fez com que ela se afastasse cada vez mais do convívio familiar, terminando o relacionamento e abandonando o tratamento.

Mais tarde, ela conheceu seu atual marido, que é também um ex-dependente químico e que, hoje, trabalha viajando com vendas e é apaixonado por música, sendo integrante de uma banda. Aqui, Rosimeire relata que este último fato aumentou ainda mais sua dependência alcoólica. Devido ao fato de os membros da banda se reunirem quase que todos os dias em sua casa, o local, segundo as palavras dela, se tornou numa espécie de bar, fazendo com que ela se embriagasse todos os dias. Rosimeire ainda relata que, para chegar ao seu emprego, ela precisava, na época, pegar dois ônibus – ela trabalhava em uma indústria localizada no distrito de Santo Antônio dos Campos (Ermida) – e, por conta das constantes noites e madrugadas de bebedeira, simplesmente faltava ou não

conseguia desempenhar suas tarefas com ênfase. Por isso, foi demitida.

Por conseguinte, a reviravolta na vida da entrevistada ocorreu durante o Natal de 2016. E, após tudo se resolver, ela relata que se reconheceu como alcoólatra (até então não aceitava sua condição) e resolveu procurar e aceitar ajuda, se tornando uma ex-dependente química desde então. Como sequela, Rosimeire relatou que a ideia de ser mãe não estava em seus planos, mas que a hipótese começou a rondar sua mente. Por isso, resolveu realizar uma bateria de exames para ver se estava tudo bem com o seu corpo.

Em consequência disso, começou uma nova via-sacra na vida da entrevistada, pois, ao realizar os exames requeridos pela ginecologista, ela descobriu que estava com um câncer no intestino já em metástase, consequentemente se espalhando para o resto do corpo. Desse modo, foi submetida a inúmeras cirurgias – inclusive, no dia do encontro (6/2/2021), ela estava com uma cirurgia marcada para o dia 22 de março –, e, desde então, as lutas não pararam. Logo, depois de conseguir controlar o alastramento do câncer, a entrevistada descobriu que é portadora de uma doença autoimune, a sarcoidose. Segundo Rosimeire, é uma doença que ocasiona uma quantidade anormal de células inflamatórias em muitos órgãos do corpo, mas que, frequentemente, ataca, de forma severa, os pulmões, chegando a causar manchas na pele.

Nesse sentido, Rosimeire relata que sua maior vontade era voltar a trabalhar, mas, devido à pandemia, as

empresas da região reduziram o número de contratações, fora que sua condição de saúde, no momento, é instável, colocando-a também no grupo de risco. Com isso, sua única opção era permanecer em casa e, na maioria das vezes, sozinha, pois, como já mencionado, seu marido trabalha viajando.

Sobre essa linha de raciocínio, a entrevistada conta que passava quase o dia todo deitada, dormindo ou pensando em algo para ocupar a sua mente: “Eu pedia a Deus para que surgisse algo na minha cabeça”. A partir disso, Rosimeire começou a fazer sabonetes aromatizados para passar o tempo, depois de ter visto um tutorial na internet, criando, assim, sua própria receita. Mais tarde, começou a plantar ervas em sua casa para a confecção dos sabonetes. Ela conta que é muito gratificante fazer sabonetes que, ao mesmo tempo em que auxiliam no cuidado da saúde de forma natural, também são um produto de beleza. Melhor dizendo, Rosimeire relata que conheceu muito bem as consequências estéticas ocasionadas por uma doença.

Atualmente, ela descobriu uma nova paixão, que é a arte com recicláveis, transformando algo que fora descartado em algo a ser novamente utilizado, só que em outro formato. A divinopolitana transforma caixas de papelão em porta-joias, porta-canetas, baús e caixas organizadoras, e o diferencial em seu trabalho é que cada confecção tem uma característica singular dela, seja na preferência de cores ou na utilização de um material que expresse suas lutas diárias, fazendo-

se necessário citar, aqui, um depoimento trazido por ela durante o encontro. Com o avanço da pandemia, ela não conseguia sair de casa, e não havia ninguém que pudesse buscar os materiais para ela confeccionar sua arte. Logo, ela aprendeu a fazer muitas dessas matérias-primas, como, por exemplo, a cola e tintas ou, na falta de folhas brancas, ela relata que utilizou o verso de seus exames médicos antigos. Aqui nos torna possível indagar qual seria, realmente, o limite da nossa criatividade e força de vontade. É possível afirmar que as dificuldades que a vida nos impõe podem se tornar uma espécie de mola propulsora, elevando, assim, o pertencimento e o sentido na produção de uma arte? Convido os leitores a refletirem a respeito!

Figura 7: Bolsa



Fonte: Rosimeire Maria Pereira

Capítulo 2

Aprendendo com a arte

Entrevistas a Jhulya Duarte

2.1 Alexsandra Aparecida Monteiro Ramos

Alexsandra é uma mulher casada e mãe de dois filhos, um homem de 20 anos de idade e uma menina de 10, cujo nome é Vitória. E foi dela que veio uma surpresa durante a pandemia. A mãe conta que a relação familiar entre os quatro é saudável e de plena harmonia na maioria do tempo. Sempre no mercado de trabalho, Alexsandra trabalhou durante seus estudos como operadora de caixa, e, por isso, o esposo era sempre quem tinha mais proximidade com os filhos. Por ter um horário mais flexível no trabalho, o marido é quem comparece às reuniões e apresentações da escola. É ele quem busca e leva os filhos para a realização de tarefas diversas. Ela cita que, devido a isso, os filhos têm mais abertura e afinidade com o pai, mas nada que altere sua autonomia como mãe.

Alexsandra conta que a gestação de Vitória foi um pouco complicada. Ela ficou grávida e, em poucas semanas, foi avisada de que havia sofrido um aborto. Passou por alguns procedimentos por ser um aborto de cerca de 3 ou 4 semanas. A médica optou por medicações para fazer a limpeza do útero, mas, por motivos de falta de recurso financeiro e como não sentia dor, não tomou toda a medicação necessária. Orientada pelo farmacêutico, deixou de comprar o da

limpeza que o médico dizia ser o suficiente. Após um período, descobriu-se que ela ainda estava grávida e tinha um saco gestacional vazio e outro com o bebê, que já estava com 5 meses de vida uterina. A partir daí, foi uma preocupação enorme sobre a situação de Vitória, depois de ter passado pelos procedimentos invasivos e sendo tão pouco desenvolvida ainda. Após o nascimento, Alessandra aponta que o desenvolvimento motor e cognitivo da criança aconteceu de forma esperada, às vezes um pouco mais tarde do que o do primeiro filho, mas nada fora do padrão esperado. Como uma criança que já tem uma autonomia sobre si, Vitória demonstra ser uma criança um pouco introvertida, mas muito madura.

Na escola, Vitória apresenta algumas dificuldades, como, por exemplo, ler. Apesar de conhecer todas as letras do alfabeto e todos os números, a dificuldade de formar as palavras e frases ainda se mostra grande, o que causa preocupação na família e nos educadores. A família, durante a pandemia, na tentativa de um reforço escolar, contratou uma professora para ajudar nas tarefas. Buscando encontrar uma forma de ensinar a menina a lidar melhor com a situação, a professora mostrou a ela uma foto da Usina Gravatá, de Divinópolis, para que ela reproduzisse um desenho do monumento. A surpresa veio da reprodução super detalhada da foto que ela tinha em mãos. Sua mãe afirma que os detalhes foram feitos com tanto rigor que nem mesmo um adulto, sem grandes dons artísticos, conseguiria reproduzir tão bem. Sendo assim,

durante a pandemia, esta habilidade está sendo mais explorada e compreendida por todos dentro de casa. Nesse primeiro encontro, o foco foi maior na história da família.

Acompanhada da mãe, Vitória apareceu brevemente durante o encontro. Ela fala sobre os desenhos, como os escolhe e os desenha etc. Ao ser questionada sobre quais mais gosta de reproduzir, ela afirma que não tem preferência. Gosta de reproduzir fotos, de desenhar personagens, lugares e qualquer coisa que desperte interesse na menina. Independentemente da situação, o que importa é se a agrada ou não trabalhar naquela determinada imagem. Vitória conta sobre uma técnica que desenvolveu perante algumas dificuldades de reproduzir pessoas/bonecos. Ela relata que tem uma certa insatisfação ao desenhar as mãos dos personagens, pois é uma parte delicada e minuciosa que ela, por enquanto, não desenvolveu tão bem, mas o que chama a atenção é a técnica de desenhar as mãos sempre atrás do corpinho do personagem para não ter de reproduzir a região do corpo. Ao ser perguntada sobre a pandemia e o afastamento do local escolar, a menina diz-se saudosa dos colegas, que sente falta em específico de alguns amigos, mas tenta sempre manter contato com eles da maneira que é possível.

Tratando-se da conversa com a mãe, foi contado sobre a história familiar e como é constituída a família que vive, hoje, dentro da mesma casa. Alexandra cuidou, durante muitos anos, de uma irmã que pos-

sui sofrimento mental. Ela conta, também, que há casos na família de pessoas com esquizofrenia e que alguns fatores fizeram com que os irmãos crescessem auxiliando um ao outro. Em relação ao coronavírus, Alexandra (formada em Psicologia) conta que pessoas muito próximas pegaram o vírus perto da data do Natal e que, devido a isso, o contato deles nesse final de ano foi um pouco mais distante, mas, mesmo com o risco da doença, as alternativas de se ajudarem não deixaram de existir. Uma irmã levava comida para a outra porque as condições físicas não permitiam a disposição necessária para produzir o alimento; conversas rápidas feitas pessoalmente, mas a uma distância que não prejudicaria nem colocava ninguém em risco; e todas as formas de se protegerem e estarem presentes uma na vida da outra.

No fim de 2020, as festas tradicionais foram feitas com o mesmo fervor de todos os anos. Vitória pôde conhecer a praia pela primeira vez e aproveitou bastante. Com a volta da normalidade no dia a dia, Vitória retornou com as aulas de reforço e está novamente tendo de realizar as tarefas para a escola. Ao ser questionada sobre como está sendo a retomada, Alexandra se mantém apreensiva. Conta que a psicopedagoga que acompanhava a filha ainda não retornou aos trabalhos e que a menina continua somente com as aulas de reforço. Na escola, Vitória já teve, há um tempo, o auxílio também de um estagiário de apoio, que depois foi passado para outra criança com autismo. Alexandra está sempre muito empolgada pelos de-

senhos produzidos pela menina: casas, prédios, monumentos, pessoas. Vitória produziu um desenho de um garoto dos cabelos dourados e disse ser seu amigo Nicolas, do qual estava sentindo muita saudade. Produziu também um desenho que eu havia pedido para fazer, da pintora feminista Frida Kahlo. Por já ter dito sobre sua dificuldade de desenhar mãos, lhe enviei um desenho cuja parte do corpo da pintura não aparecia. Então, para incrementar o desenho, Vitória colocou a artista em meio a uma paisagem repleta de natureza. A mãe, muito orgulhosa, conta que o desenho continua sendo uma das grandes paixões da filha e que esta atividade tem sido companheira da criança ao longo dos dias, seja como forma de se expressar e de se conhecer como de aproveitar o tempo ocioso e desenvolver a comunicação com as demais pessoas.

Figura 9: Desenho aquarela



Fonte: Alexsandra Aparecida Monteiro Ramos

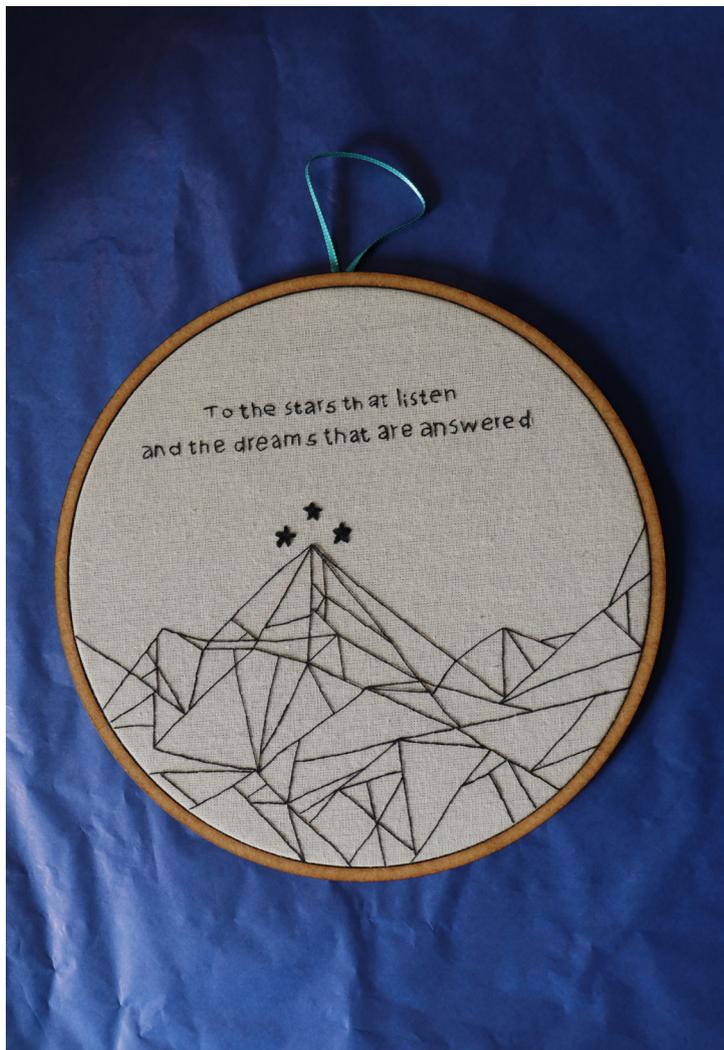
2.2 Giovanna de Almeida Santos

Giovanna é uma moça de 22 anos que cursa Psicologia na UEMG Divinópolis e que, durante a pandemia, descobriu o gosto e o talento pelo bordado. Ela conta que, na sua família, não há histórico de relação com a arte – seus pais e seu irmão mais velho nunca tiveram grandes descobertas no mundo artístico – e que nunca foi uma “coisa de família”, mas que, ao encontrar-se na pandemia, a arte foi uma das maneiras que encontrou de passar pela fase do isolamento de uma maneira mais leve. A dinâmica da casa de Giovanna está totalmente diferente do que costuma ser. Ela e o irmão, por serem estudantes, não moram habitualmente na cidade natal, Santa Bárbara. Seu pai trabalha geralmente viajando. Então, sua mãe passava a maior parte do tempo sozinha em casa. Após o cancelamento, com prazo indeterminado, das aulas, os dois filhos voltaram para casa, e o pai teve suas viagens de trabalho suspensas para que fosse mantido o distanciamento social. Com tempo livre, Giovanna começou a quarentena lendo livros, estudando e pesquisando coisas relacionadas a sua área acadêmica, mas, por não ter uma data próxima de volta ao normal, ela percebeu que não conseguiria manter o foco por muito tempo e que uma hora o tédio chegaria. Foi aí que ela resolveu mudar um pouco a rotina.

Ela conta que tudo começou com ponto-cruz. Sua mãe ainda possuía alguns materiais que restaram do enxoval do irmão, que tem 24 anos. Então, ela se

apropriou desses materiais e começou a pegar gráficos prontos na internet para reproduzir no tecido de ponto-cruz. Ela relata que há diferenças de materiais para bordado livre, ponto-cruz, crochê etc. E explica que o tamanho das agulhas também é decisivo para indicar qual trabalho está executando. A partir do momento em que se encontrou com o bordado, ela buscou assistir a vídeos e materiais que a permitissem desenvolver mais técnicas e recursos na sua produção. Perguntada sobre como sua família lida com a situação, ela diz-se muito satisfeita com tudo, que seu irmão e seus pais perceberam que essa foi a forma que ela encontrou de aliviar a tensão durante esse período difícil para todos e que seu pai foi tão receptivo com a novidade, que a ajudava financeiramente com a compra de linhas, esquadros etc.

Figura 10: Bordado



Fonte: Giovanna de Almeida Santos

Com o intuito de presentear uma amiga, Gi fez, pela primeira vez, um trabalho para terceiros. Ela reproduziu, através do bordado, o personagem Xerife Woody em um tamanho considerável e deu como forma de comemoração ao dia do nascimento da amiga. Pouco tempo depois, a irmã dessa amiga presenteada procurou a estudante para fazer uma encomenda. Ela relata que, por nunca ter feito o trabalho com esse intuito, cobrou apenas um valor simbólico para cobrir os materiais. A intenção inicial não era monetizar o passatempo, mas, após isso, recebeu uma encomenda de nove bordados e, então, por ter tido um *feedback* positivo, se sentiu segura o suficiente para começar a vender seus produtos. Durante a conversa, fica explícita a satisfação que ela tem ao executar seus bordados. Ela conta que adora falar sobre o assunto e que está sempre em contato com outras pessoas que, de alguma forma, podem ajudá-la a desenvolver novas técnicas. Com tanta empolgação e disposição para o bordado, ela montou uma página nas redes sociais para compartilhar o dia a dia no bordado e todas as suas produções.

A estudante de Psicologia fala, principalmente, sobre a significação do bordado na sua vida desde o início da pandemia. Ela conta que, nos momentos em que se encontra desanimada, com algum problema ou em qualquer situação que a deixe querendo se distrair um pouco, encontra no bordado esse lugar de “fuga”. Ao pegar suas agulhas e imergir no mundo artístico, ela diz se sentir em um momento prazeroso, que lhe

proporciona lazer, satisfação e proveito. Na semana posterior, ela contou que via muitos vídeos no YouTube para desenvolver técnicas e conhecer procedimentos e materiais etc., mas, um tempo atrás, fez a compra de um curso, que inicialmente seria pago com o dinheiro advindo das encomendas de bordado, mas que seu pai se disponibilizou a pagar para presentear-lá. O curso tem o período de um ano para que ela assista às aulas de forma *on-line*. Segundo ela, o curso vai ajudá-la muito nessa atividade que ela tanto sente bem em fazer.

Uma vez que o bordado começou a fazer parte de sua vida somente após o início da pandemia, ao ser questionada se a intenção era se manter fazendo isso por um período maior do que se espera que o isolamento social dure, ela conta, com segurança muito serena, que sim: o bordado está nos planos futuros da menina, até mesmo quando voltar a morar na cidade onde estuda, como uma forma de complementação de renda. Ela diz que pensa muito em como irá fazer esse trabalho quando tudo voltar “ao normal”: aulas presenciais, reuniões presenciais, deslocamento até a faculdade, encontros com os amigos etc. porque, nesse contexto em que ainda não tem o costume de praticar essa atividade de lazer, ela se diz pensativa sobre como será essa relação e se vai conseguir se adequar a tudo, mas deixando bem claro que parar de fazer o que ela tanto gosta está fora de questão. Giovanna conta que, além de usar o momento de bordado como uma técnica para se distrair e se sentir bem,

gosta muito de ler, assistir a séries e filmes e, principalmente, jogar videogame. Desde pequena, ela e o irmão sempre gostaram de joguinhos e tinham o costume de se sentarem juntos para jogar.

Giovanna está trabalhando em uma arara realista, em que ela está praticando e desenvolvendo as técnicas aprendidas no curso que ela ganhou do pai, e se mostra muito empolgada, uma vez que a técnica realista bem-sucedida se torna um trabalho bem diferente do que ela já vinha fazendo. Já os outros três são encomendas que ela tem de amigos que resolveram presentear alguém ou até mesmo terem as artes guardadas para si como uma lembrança. A leveza com que a moça fala de seus bordados, dos seus compromissos com as encomendas e dos momentos em que ela está praticando sua atividade deixa bem claro o quanto a arte foi, e continua sendo, importante para a jovem neste contexto pandêmico.

Nesse encontro, Giovanna falou mais sobre sua relação com a família durante a pandemia. Ela conta que esse período tem sido um grande desafio na sua vida, pois nunca havia ficado tanto tempo sem contato com outras pessoas, principalmente a mãe e o irmão, que estavam muito receosos em relação à COVID-19 e seguiram, rigidamente, os protocolos de segurança desde o início da pandemia. Seu pai era o único que estava saindo frequentemente de casa, mas única e exclusivamente a trabalho. Giovanna conta que, durante quase um ano, foram apenas três vezes que ela se deu um momento de lazer e se encontrou com

algumas outras pouquíssimas pessoas para se distrair um pouco. E, nestas três vezes, ao retornar para casa, a menina usava máscara e evitava ao máximo qualquer contato com o restante da família. Ela narra que sente muita falta de socialização e que o bordado está ajudando-a muito com a distração, criando momentos em que se vê fazendo algo de que gosta e gerando a ela prazer em meio a tanto isolamento. Nesse encontro, Giovanna conta que está prestes a fazer uma viagem com a família para buscar a namorada do irmão e que irá aproveitar para realizar algumas entregas de pedidos solicitados por amigos e conhecidos no meio do caminho. Ao mesmo tempo em que se vê com muita empolgação para entregar as produções, que ela fez e conta com tanto carinho, Giovanna se mostra muito feliz por poder rever algumas pessoas que faziam parte de sua convivência antes da pandemia. Ela conta que alguns bordados estão ainda por terminar, mas que já construiu todo um planejamento na sua rotina para conseguir finalizá-los a tempo e que, mais do que preocupada se vai ou não conseguir fazer tudo com muito capricho, se mostra empolgada, não só por poder compartilhar com as pessoas o trabalho que ela tem feito, mas também pela possibilidade de se encontrar com pessoas queridas que ela não vê há algum tempo.

Ela mostra e explica suas técnicas, exhibe cada um dos seus bordados, qual ponto usou, como funciona, qual método é melhor para cada confecção ou estilo e, assim, por chamada de vídeo, vai contando alguns

macetes que desenvolveu com a prática. Ela fala do curso que está fazendo e mostra, com muita cautela, os resultados obtidos até então com uma arara, que está sendo confeccionada de acordo com os novos aprendizados que está absorvendo durante as aulas.

Gi conta que conseguiu rever algumas pessoas queridas durante a viagem de entrega e que esse momento, por mais breve que tenha sido, foi muito significativo. Depois de tanto tempo longe da cidade, a estudante conta que a sensação que teve ao chegar em Divinópolis foi de pertencimento e de que, por mais que esteja há tanto tempo longe, quando viu a rua, o prédio e o apartamento em que mora, a sensação foi de normalidade, de que essa realidade pandêmica nunca existiu. O aconchego de sua casa, apesar de ter se mudado, era o mesmo de quando ela foi embora. Gi conta que viu algumas de suas amigas para entregar seus produtos, que ambos foram encontros muito breves e que, apesar de muito gostosos e esperados, passou longe de suprir toda a falta que tem sentido de conviver com elas. Foi bom vê-las, mas ela precisa de tardes sentadas conversando para satisfazer a saudade existente. Ao falar de seus trabalhos, Giovanna se encontra muito empolgada. Na primeira remessa de chaveiros que comprou para bordar, foram 25 peças compradas e bordadas à mão, algumas únicas, outras feitas em mais quantidade para presentear um grupo de amigas... A encomenda de chaveiros para a próxima remessa já está feita, e há muitos planos a serem realizados. Um dos chaveiros produzidos traz

consigo uma expectativa muito promissora, por ser um bordado relacionado a pets, que é um assunto que muita gente valoriza atualmente. Giovanna conta que espera um retorno maior de pedidos quando fizer um post no *feed* do seu Instagram.

A felicidade ao contar sobre o retorno que teve após suas últimas entregas é nítida. Ela relata que cada número de seguidor, de encomenda etc. é muito significativo para continuar construindo sua arte. No final de semana, ao entregar seus produtos, os números de pedidos e seguidores de sua página aumentaram, e a futura psicóloga vê isso como um resultado positivo sobre o que já foi feito. Ela cita, com muito carinho, um presente que uma amiga lhe deu durante o domingo de entregas e que estava guardado desde maio de 2020: um apanhado de linhas de várias cores, que, para ela, significa não somente apoio, mas também a certeza de que a distância só está tardando os encontros presenciais entre elas, mas isso não modifica em nada o sentimento de uma pela outra.

Em relação à faculdade, a moça se mostra com um pouco de preocupação. Diz que essa situação de aula *on-line* está deixando-a um pouco desanimada, mas não em relação ao curso, do qual ela sempre fala com muito carinho, principalmente quando cita a abordagem que pretende seguir. Ela se mostra desanimada por observar que, através do computador, não se sente aproveitando ao máximo o que o curso pode oferecer, seja das atividades em aula quanto dos professores, dos trabalhos que são feitos em casa etc. Ela se mos-

tra um pouco preocupada com o próximo semestre, uma vez que está sendo complicado, não só para ela, mas no geral, manter o foco e a disposição de quando havia aulas presenciais. Ao ser perguntada sobre quais atividades externas pretende fazer quando a pandemia estiver controlada, conta que uma das coisas que mais gosta de fazer é ir em shows das bandas que ela ouve e que, inclusive, o dinheiro que está conseguindo juntar com a produção da sua arte será destinado, em parte, para a realização de alguns passeios, para ir em shows a que ela quer muito assistir, inclusive de uma banda que influenciou muito seus pais quando eles ainda eram namorados. A estudante se mantém firme nos seus compromissos com os pedidos feitos e também já trabalha em produtos que irão ficar prontos caso surja alguma demanda de pronta-entrega. O empenho e a satisfação em fazer seus bordados são muito perceptíveis e influenciadores.

Figura 11: Bordado



Fonte: Giovanna de Almeida Santos

A sensação do último encontro é de muita alegria, tanto pelo momento quanto pela finalização de um trabalho que gerou muita risada, conversas e prazeres ao falar do que ela gosta. Numa época em que, no final de semestre da faculdade, a tensão do acúmulo de atividades se soma à expectativa das férias que vão deixar mais tempo sobrando para a fabricação de seus bordados. Giovanna fala dos novos trabalhos, iniciados desde o último encontro, mostra novas ideias e debate novas possibilidades. Conta sobre o vídeo que será anexado ao trabalho; inclusive, ela já pensou na foto que quer tirar para ilustrar sua história, próxima de seus materiais de trabalho, no seu lar, onde se descobriu uma nova artista. Ela relata algumas situações recorrentes com os clientes e que, por estar determinada no trabalho que quer oferecer, já sabe que algumas inconveniências irão aparecer, mas, por ser algo prazeroso, não quer transformar o bordado numa mercantilização. Durante a semana, o primo da estudante fez um pedido a ela, mas não sugeriu nenhuma ideia para ajudá-la na sua criação. Ao ser questionado sobre o que queria, o primo disse: “Picasso não perguntaria aos seus clientes o que queria. Ele simplesmente usaria sua criatividade e pintaria o seu quadro!” Giovanna ri, numa mistura de sarcasmo e, ao mesmo tempo, de gratificação, por ter sido reconhecida como uma produtora de arte em potencial, que é capaz não só de produzir o pedido de alguém, mas também de trazer sua autenticidade e conseguir atingir alguém através dela.

Ao final, o papo se torna mais emotivo. Ao ser informada que os encontros estão chegando ao fim, a bordadeira se diz muito feliz por ter tido este espaço para falar do que gosta, conta que o bordado não foi só uma maneira de passar o tempo durante o ócio da pandemia, mas também uma descoberta de si, uma forma terapêutica de se cuidar durante o tédio dos dias de isolamento que a ajudou a se desenvolver em algo que lhe faz bem e, principalmente, uma técnica que permitiu identificar-se com sua família e se manter mais próxima dela. A alegria de seguir os passos de sua avó e tudo o que foi ensinado numa trajetória familiar sendo usado de uma forma tão singela traz consigo uma gratificação e um aconchego durante um tempo tão conturbado desta pandemia.

2.3 Pricila Scalioni Moreira

Pricila, 27 anos, estudante de Psicologia. Durante a pandemia, Pricila resolveu se arriscar com desenhos, habilidade que, segundo ela, nunca havia sido seu forte. Ela conta que, quando era criança, se destacava por não saber desenhar muito bem e por sempre ter expressões diferentes de demonstrar seus pensamentos ao desenhar. Ela relata que, na escola, seus desenhos nunca eram escolhidos como um dos mais bonitos para fazer parte dos murais de apresentação dos trabalhos da turma e que até mesmo seus pais já foram chamados para reuniões privadas pela forma diferenciada de expressão da menina. Um fato que Pricila conta sorrindo foi de que uma vez, no Natal,

a professora deu um Papai Noel para a turma colorir e, por já saber que seu pai era quem se vestia de Papai Noel nas festas de fim de ano, ela pintou o desenho com a barba preta, que fazia referência à imagem do pai, e todos os colegas deixaram a barba branca do Papai Noel, como era costume – seu trabalhinho era o único diferente.

Pricila conta todas essas histórias de forma descontraída para enfatizar o quão irônico é essa sua nova descoberta durante o isolamento. Ela narra que seus primeiros desenhos durante a quarentena não a agradaram tanto devido à falta de prática, mas que, mesmo assim, ela os mantém consigo, tanto para poder analisar sua evolução quanto por questões sentimentais. Pricila está vivendo com os pais, em sua cidade natal, desde o início da pandemia e conta que esteve somente uma vez na cidade em que estuda durante um período curto.

Ela diz que se acostumou a ficar sozinha no seu quarto, fazendo suas atividades e se dedicando às coisas de que gosta, e que esse retorno para a casa da sua família teve um certo desconforto, mas nada fora do normal ou que trouxesse sofrimento destacável. Na casa de sua família, estão sua mãe, seu pai, ela e seus dois irmãos, e todos têm convivido satisfatoriamente bem. Ela narra que sua relação com o pai é bastante próxima e fácil e que, inclusive, ele, algumas vezes, até zomba de seus desenhos com uma abertura muito amigável. Ela relata que usa diversos materiais na fabricação de sua arte e que, apesar de considerar os

valores altos, sempre tenta comprar mais materiais para desenvolver novas técnicas. A estudante conta que não existe critério para desenhar, mas que gosta que seus trabalhos venham de forma intuitiva e sem uma predeterminação, que é, inclusive, uma das coisas que a fazem não se nomear como uma vendedora da própria arte, mas sim uma artista que desenha porque gosta. Em uma das poucas vezes que se dispôs a realizar um pedido de encomenda, Pricila ficou super receosa ao entregar o material pedido, mas o *feedback* que teve foi extremamente positivo e a deixou muito satisfeita.

Figura 12: Pintura em tela



Fonte: Pricila Scalioni Moreira

Todas as vezes em que realiza o pedido de alguém, ela diz empenhar-se e ter em mente que quer entregar um trabalho que ela própria gostaria de receber. Então, a dedicação que ela coloca ao produzir sua arte é a mesma que teria usado para fazer um trabalho para si.

Pricila exhibe seus materiais contando a história de cada um deles, tanto os produzidos quanto os que usa para produzir. Separa seus primeiros desenhos para serem mostrados e conta como cada um deles foi pensado. Mostra a parede do seu quarto, que está completamente coberta por inúmeras telas que produziu desde então. O prazer em produzir está intimamente ligado ao que ela está sentindo no momento. Há muitos desenhos de si mesma, em posições de yoga, sorrindo, com diferentes cortes de cabelo, filmes de que ela gosta, personagens e assuntos com os quais se identifica.

A estudante conta que uma das coisas de que ela também muito gosta é a prática da yoga, pois desenvolveu um problema na coluna, e o exercício tem ajudado bastante. Ela separa todos os materiais que usa desde quando começou: cada tipo de tinta e de lápis e cada técnica usada para diferentes efeitos. O investimento em materiais é um tema do qual ela se mostra muito entendedor. Vai contando os preços de tintas que traria melhores resultados, misturas que causam o mesmo efeito entre um material e outro, tintas que rendem mais, efeito das cores misturadas. A criatividade é algo muito presente, não só em suas produ-

ções, mas também nas técnicas e nos métodos que ela utiliza. Em alguns materiais, ela conta que utiliza artifícios para conseguir efeitos diferentes.

É perceptível o quanto a arte se mostrou uma fiel amiga da estudante de Psicologia para atravessar as angústias e situações da pandemia. Como um paliativo para as dores causadas pelo distanciamento, Pricila obtém, com seus desenhos, uma companhia para seus dias, algo que vem causando descontentamento em muitos neste período de isolamento.

Figura 13: Pintura caderno



Fonte: Pricila Scalioni Moreira

Capítulo 3

Escrever é uma arte

Entrevistas a João Victor Marques Guedes

3.1 Aline Tavares

Aline Tavares escreve, inventa e conta histórias, pinta e canta dores em prosa e verso. Cresceu na vizinha cidade de Itapecerica (MG), numa família de educação muito rígida, em que o papel da mulher era restrito às atividades do lar. Contudo, ainda criança, descobriu o mundo dos livros e se encantou pela escrita. Queria estudar e experimentar uma forma de vida diferente daquela que lhe era imposta. Queria mudar sua realidade de escassez econômica e de afeto, e se sentia fadada a um destino que rejeitava. Via-se como uma criança fora dos padrões. Apesar de ter sido muito tolhida durante a infância, sempre foi uma pessoa proativa. Praticava a arte em suas brincadeiras, criando personagens e bonecos, desenhando, fazendo teatro... Sua busca por melhores condições de vida e reconhecimento favoreceu a construção de sua liberdade. Assim que descobriu a literatura, não teve dúvidas: quis tornar-se escritora um dia.

Após concluir o ensino médio, trabalhou na Santa Casa de Misericórdia e Maternidade Santana de Itapecerica e começou a estudar Letras em Formiga (MG), graduou-se e começou a lecionar. Também cursou Direito em Divinópolis (MG). Abandonou a sala de aula para fazer estágio na área jurídica. Depois, voltou

a lecionar, trabalhou na Superintendência Regional de Ensino por um breve tempo até que foi para o Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais (TJMG), onde se encontra até o momento.

Entre suas memórias afetivas, surge a imagem da avó paterna, que unia pequenos retalhos para fazer suas roupas, já que o dinheiro que conseguia com a venda de hortaliças que cultivava não era suficiente sequer para alimentar a si e aos seus filhos. Nessa perspectiva, Aline nutre orgulho dessa mulher e acredita que sua produção artística é como uma colcha de retalhos. Vai escrevendo fragmentos, um pouco aqui e um pouco ali, e, ao final, produz sua obra. Sente que essa foi a valiosa herança que sua avó lhe deixou, além da pequena máquina portátil que usava para costurar. Assim, pode perceber a arte (e também a vida) como fragmentos que se vão unindo para produzir beleza e resiliência.

Figura 14: Pintura



Fonte: Aline Tavares

Em 2016, publicou seu primeiro livro infantil, *A incrível história do Onicono*, que fala do primeiro animal que surgiu na Terra e que, por ter abusado da sua condição de rei, sendo tirano e prejudicando o planeta, acabou extinto. O tema foi motivado para trabalhar questões com seu sobrinho Pedro.

A segunda obra foi publicada em 2018: *Retalhos de infância e outras histórias*, uma mescla de memórias e contos.

Aline faz parte do Vira-Verbo, um coletivo de mulheres na escrita, criado em março de 2020. Em julho do mesmo ano, publicaram o livro e o e-book *Entre dores, amores e coronas*, obra que mescla poemas, crônicas e contos, tendo como pano de fundo a pandemia de COVID-19. Sente que, por meio desta construção coletiva, puderam trazer alento e questionamento aos leitores e leitoras. Segundo Aline, o coletivo se resume a uma real escola de vida e literatura.

Como contadora de histórias, mantém uma página no Facebook chamada Café con-verso. Inicialmente, a página era apenas para frases e poemas, mas, a partir de novembro de 2020, por meio da sessão intitulada “Senta que lá vem história”, Aline posta um vídeo com uma de suas histórias todos os domingos. A publicação é feita também no seu perfil pessoal no Instagram. Além das infantis, traz histórias com cunho pedagógico e, por vezes, com uso da ironia, critica o sistema e propõe reflexões acerca da luta de classes. Tudo de maneira lúdica. Aline também gosta de cantar, mas faz questão de frisar que é despretensiosamente. Ou-

tra paixão é pintar, de preferência temas relacionados aos retalhos de sua avó. No momento, está fazendo as ilustrações do seu livro artesanal de poemas que pretende publicar ainda este ano.

Sente que a pandemia impactou sua produção artística, servindo ora como inspiração, ora como bloqueio, devido a este cenário de total afronta à ciência e que tem nos levado a um caos sem precedentes. Relata que suas emoções afetam diretamente no seu processo de escrita e, frente a tantas tristezas e incertezas do momento, se sente, por vezes, imobilizada, mas, no vocabulário que inventou para tecer sua história, desistir é um verbo que não existe.

3.2 Cidinha Ribeiro

Cidinha Ribeiro é escritora, paisagista e artesã. Cresceu em Itapecerica (MG), tendo uma infância muito difícil, marcada pelo alto controle e rigor por parte dos pais. Mudou-se para Belo Horizonte na juventude, e por lá se casou, teve dois filhos e trabalhou como professora. Em seguida, formou-se em Pedagogia, e, para uma melhor progressão na carreira, fez alguns cursos. Mais tarde, trabalhou para a Procuradoria de Justiça como concursada, tornando-se, depois, diretora de Pessoal neste trabalho. Após algum tempo, se aposentou. Já como avó, retornou para Itapecerica.

Após a aposentadoria, fez um curso de Paisagismo, algo que já lhe era de grande interesse. Sempre gostou de escrever, inclusive cartas de amor para as amigas durante a adolescência.

Na escrita, a artista publicou seu primeiro livro, chamado *Tricotando lembranças e costurando histórias*, para uma festa tradicional da cidade (a Festa de Arromba), contando suas histórias. Em seguida, publicou outro livro de contos, *Rascunhos*. O que fica muito evidenciado é a seriedade da artista, sempre trabalhando com muito empenho e dedicação a fim de extrair o máximo potencial de suas obras.

Cidinha, uma mulher na terceira idade e em condição de saúde fragilizada na época da pandemia, precisou se afastar fisicamente da sua família, não se encontrando com seus filhos nem acompanhando o crescimento do seu neto. No início da pandemia, relata que se sentiu desesperada, principalmente pelo medo e pela proximidade da morte, algo que já lhe marca sempre em sua existência. Além disso, ao ver a situação de pobreza, desemprego e adoecimento das outras pessoas, se sentiu muito tocada, passando por momentos intensos de tristeza.

Além disso, Cidinha, atualmente, faz parte do coletivo de mulheres na escrita Vira-Verbo, no qual, junto a outras mulheres, escreveu o livro *Entre dores, amores e coronas*. Ao escrever sobre esse livro no momento de pandemia, a escritora nos relata que lhe foi como um grande alívio para o sofrimento sentido nessa época. Encontrou grande apoio e suporte do grupo, conseguindo passar pela situação de forma mais leve.

Com tantos textos produzidos ao longo da sua carreira, decidiu iniciar a produção de novos livros. Atualmente, faz muitos cursos *on-line* envolvendo a

literatura e o processo de escrita, nos quais consegue perceber seu grande aprendizado por meio da iniciativa.

Além do processo de escrita, Cidinha já fez grandes obras de Paisagismo para si, em sua própria casa, e para a casa de amigos, sendo sempre solicitada. Produz, também, belíssimas peças artesanais, principalmente envolvendo a natureza em sua beleza como tema.

Figura 15: Paisagismo



Fonte: Cidinha Ribeiro

3.3 Cláudio Guadalupe

Cláudio Guadalupe é escritor, compositor e ativista cultural. Durante sua trajetória, contou com o apoio de seus grandes amigos, cada qual contribuindo com seus talentos pessoais para a construção de uma obra maior. Cláudio é defensor da ideia do coletivo, da produção em conjunto, da construção de movimentos sociais e culturais em sua cidade. Alerta, no entanto, que “o trabalho ainda é muito grande, pois os investimentos em cultura em Divinópolis e região ainda são muito limitados, não de talentos, mas de recursos e valorização”.

Hoje, participa ativamente do coletivo Arteferia, movimento de poetas de Divinópolis criado em 2019 a partir da iniciativa de alguns poetas que participavam da Oficina de Rimas, mas que quiseram uma maior amplitude de gêneros literários e uma maior diversidade dos participantes num novo coletivo. A partir daí, produziu, junto ao coletivo, o *Fanzine Arteferia*, um jornal poético com o objetivo de promover a poesia para um público maior, por meio da arte. Além disso, o coletivo já realizou intervenções culturais no Mercado Municipal, na UEMG, na Noite da Poesia da Biblioteca Pública Municipal Ataliba Lago, na Virada Cultural (realizada em março de 2019 pela Boutique do Livro/Prefeitura de Divinópolis).

Figura 16: Arteferia



Fonte: Cláudio Guadalupe

Em 2019, escreveu o primeiro livro, *Cantos de meu tempo*, lançado em *live*. O livro reúne poemas de diversos períodos da sua vida, desde a adolescência, como estudante em Belo Horizonte, passando pela produção de letras/poemas para músicas da década de 1980/1990 e chegando aos anos 2018/2020, com uma maior produção poética ligada aos temas das lutas sociais e políticas vividas no Brasil contemporâneo.

Compôs várias canções, produzidas com o auxílio de artistas regionais como Flávia Simão, Sérgio de Castro, Luiza Lara, Fellipe Prada, Bembem, Luna Favarini, Felipe Cassimiro, Grillo e tantos outros músicos e cantores que participaram dos dois CDs de gravação independente. Produziu, assim, os álbuns *Heróis da rua* (2016) e *Muito humano* (2018), nos quais cada canção revela, de maneira singular, suas experiências e seus sentimentos, por meio da música.

Como ativista cultural, participou e realizou eventos culturais no município e na região Centro-Oeste, como as Feiras Livres na década de 1980, o 1º Festival da Canção do Centro-Oeste (1981), os *shows* de lançamento dos dois CDs (*Heróis da rua* e *Muito humano*), que envolveram uma produção cultural em Divinópolis, e o Festival de Gastronomia de Formiga (MG) (2019).

Cláudio vem participando e se classificando em vários concursos literários (gênero poesia) em Divinópolis (concursos de poesia e Varal Literário da Câmara Municipal de Divinópolis – 2019/2020 e concursos de poesia da Biblioteca Pública Municipal Ataliba Lago

– 2018/2019), São João del-Rei (Universidade Federal de São João del-Rei – 2019, no qual participou do lançamento do *e-book* do concurso da UFSJ), Juiz de Fora (Museu Mariano Procópio – 2020), Lagoa da Prata (Academia Lagopratense de Letras – Acadelp – 2020) e Feira de Santana (BA) (revista *Inversos* – Concurso Internacional de Poesias/Prêmio Cecília Meireles – 2020). Recentemente, teve poemas publicados no jornal *O Pergaminho*, de Formiga (*poema Noturno sem estrelas* – março de 2021), e o poema *Fado* editado no jornal *Letras Santiaguenses*, de Santiago (RS) (janeiro/fevereiro de 2021).

No momento de pandemia, por meio de suas produções, traz sempre as indignações e reflexões sobre a postura do governo atual, desmascarando o descaso com as situações de crise vivenciadas pela população. Infelizmente, durante o momento pandêmico, contraiu o vírus da COVID-19, desenvolvendo sintomas significativos e necessitando de suporte médico. Superou a doença e segue bem, mas, para além das consequências físicas, relata que “algo da sua relação com a vida mudou, sentindo a necessidade de escrever novos poemas a respeito da vida e da morte”.

3.4 Denise Arantes

Denise Arantes é apaixonada pela arte: uma escritora, contadora de histórias, mosaicista (também professora) e pintora. Desde muito pequena, já praticava sua arte em Itapeverica (MG), fato observado pelos pais, que a apelidaram carinhosamente de “embondeira”, devido as suas façanhas artísticas constantes.

Viveu uma infância difícil, de uma criança “peculiar”, mas que contornou todas as suas adversidades. Mais tarde, já crescida, na vida universitária em Divinópolis, onde cursou Direito, conheceu seu namorado (atualmente esposo). Mais tarde, lhe doaria um rim devido aos seus problemas com a doença renal crônica. Aliás, tem amor de sobra para compartilhar com sua família, respeitando seus espaços e preferências, além de aprender sempre com essas relações.

Atualmente, administra, ao lado do marido, sua própria livraria em Divinópolis (MG), a Boutique do Livro, que, além da venda de livros de renome e de recentes escritores, tornou-se uma editora literária.

A respeito da arte em sua vida, relatou que esta sempre fez parte de sua história, sendo sua companheira ao longo do tempo e na qual encontra suas forças. Busca viver uma vida de forma mais livre e leve possível, com uma mente flexível, permitindo-se vivenciar os encontros e desencontros naturais do viver. Para além da sua própria subjetividade, observa-se, aqui, que isso contribui bastante para seu processo criativo como artista.

Usa da sua produção artística como mecanismo de sublimação para lidar, de forma mais saudável, com suas dores. Nesse sentido, observa, de forma clara, a relação da subjetividade humana e a arte, em especial com o mosaico. É frequente, em sua fala, o uso do recurso simbólico do reconstruir-se a partir de pequenos cacos. Compreende que, por meio de nossos encontros, obteve ganhos pessoais e profissionais, sentindo-se mais motivada nas suas atividades diárias.

Além disso, sente que, por meio das suas produções literárias, exerce um papel social de ajudar os seus leitores, fato evidenciado pelo *feedback* positivo recebido em suas produções. Publica grande parte dos seus textos reflexivos nas redes sociais, sendo a maioria deles adaptada para seus próximos livros. Participa do coletivo de mulheres na escrita Vira-Verbo, que tem por finalidade trocar experiências, ideias e técnicas e reforçar a importância da figura do feminino também nesses espaços.

Tratando de seu próprio reconhecimento, por vezes, não se sentia no perfil de uma escritora, devido a sua escrita livre, de forma leve e que, supostamente, não condiziria com os moldes rígidos da literatura atual. Porém, nesse processo de construção, compreendeu e se aceitou como tal, já que, da sua maneira singular de escrever, escritora é. Sente que escrever de sua própria forma é ser verdadeira, assumindo um compromisso ético consigo mesma, independentemente das dificuldades que podem ser enfrentadas por conta disso. Para mais, se permite escrever sobre

suas experiências imaginativas, vivenciadas quase que no campo do real, o que favorece muito seu processo de criação artística. Tenta refletir, por meio do seu escrever, a vida real e os fatos da vida, nos quais se vê em cada conto.

A respeito da sua criação com o mosaico, encontra-se há anos produzindo para vários setores, inclusive para as ornamentações de igrejas. Na sua produção do mosaico e no contar histórias, consegue correlacionar essas práticas à (re)construção necessária e constante que a própria vida é: cíclica. Percebe que, por meio das nossas conversas e intervenções, houve um grande favorecimento em seu processo criativo ao longo do tempo.

Figura 17: Mosaico



Fonte: Denise Arantes

No seu percurso de produção literária, escreveu, inicialmente, um livro de receitas culinárias misturadas com crônicas. Produziu, também, o livro ilustrado *Era uma vez*, que narra a história de três pontinhos que gostariam de estar unidos e precisaram encontrar o seu próprio caminho. Adiante, escreveu o livro *Com amor*, no qual relata suas experiências e incertezas vivenciadas antes e depois do transplante renal de seu marido, para o qual foi a doadora.

Durante a pandemia, apesar do grande sofrimento e das dificuldades perpassadas pelo medo, conseguiu utilizar este tempo para fazer um processo de autoanálise, em busca de autoconhecimento, percebendo que aproveitou essa oportunidade de maneira satisfatória. No primeiro momento, se sentiu paralisada pelo medo, mas, quando caiu a ficha de que essa situação não passaria tão cedo, encontrou forças e saiu desse lugar. Acredita que todas as pessoas, em maior ou menor grau, foram afetadas por essa pandemia, demonstrando uma grande sensibilidade com as demais pessoas do mundo, uma empatia espontânea e genuína.

Nesse sentido, durante esse momento atípico, não parou de produzir arte. Em seguida, escreveu seu próximo livro, *Sempre com amor*, em que relembra as memórias da sua infância e reflete sobre suas experiências de maneira singular. Escreveu, também, junto de outras autoras do coletivo de mulheres, o livro *Entre dores, amores e coronas*. Ainda em 2020, participou da construção do livro *108 histórias marcantes*, no qual escreve sobre GTO.

A partir da Lei Aldir Blanc, publicou, por meio do edital de 2020, suas mais recentes produções: o livro *Onde eu quero ficar*, que reflete, por meio de uma história ilustrada, as novas possibilidades do ficar pós-pandemia; e o livro ilustrado *A casinha da vovó*, no qual explora, por meio de um conto, o aconchego e a imensidão encontrada na casa da sua vó pela visão de uma criança.

Figura 18: Mosaico



Fonte: Denise Arantes

3.5 Júnia Paixão

Júnia Paixão é uma escritora, poeta, professora e ex-diretora da rede pública estadual. Nasceu em Serra do Navio (AP), cresceu em Belo Horizonte (MG) e, atualmente, reside em Carmo da Mata (MG). Desde sua infância, foi interessada pela literatura, mas, por muito tempo, não havia se voltado para essa atuação.

Seu despertar se deu por meio da sua carreira como professora, na qual escrevia colunas em jornais de Belo Horizonte como forma de protesto e a favor de melhorias nas políticas públicas. A partir disso, recebendo *feedbacks* positivos, começa a escrever crônicas familiares, e a escrita passa, assim, a se tornar um hábito, escrevendo textos para jornais e *blogs*. Inicialmente, algo que era da ordem de um *hobby*, por meio da mudança de olhar, se torna uma necessidade.

Começa a escrever poemas e a divulgá-los, recebendo retornos muito interessantes. Em 2013, reúne esses textos, organizando sua primeira publicação, um livro de crônicas numa plataforma de autopublicação. Mais tarde, em 2014, surge a oportunidade de escrever um livro de poemas com o apoio de uma editora. Nesse sentido, relata que este foi o limiar que definiu o espaço que a literatura representava em sua vida. Realizou o lançamento desse livro na escola onde trabalhava, por meio de um sarau literário, gerando uma grande mobilização e promovendo um intenso envolvimento dos alunos. Com o desenrolar desses eventos, propõe, junto a outros colaboradores,

projetos de escrita na escola e também eventos literários na cidade, dando início a uma reviravolta cultural no município com a organização da Festa Literária de Carmo da Mata (Flicar), da qual é a curadora e idealizadora. Evidencia-se, pela sua fala, a forte crença no poder transformador da escrita (e de todas as demais manifestações artísticas em geral).

Atualmente, também participa do coletivo de mulheres na escrita Vira-Verbo. Nessa construção, não se sente só no processo de descoberta dessa figura de escritora. Até então, já publicou alguns livros, dentre os quais vale ressaltar *Entre paredes* (2020), um livro digital para *download* gratuito, escrito durante os primeiros meses de isolamento social e que traz poemas que versam sobre diversos temas, mas com o fio condutor da situação de confinamento; *Não repare a bagunça – Em verso e prosa* (2019), lançado uma semana antes da pandemia, apresenta poemas e crônicas e tem, como fio condutor, as grandes mudanças de vida pelas quais passou: a perda do pai, filhos saindo de casa, a separação, a chegada dos 50 anos; *Oscilações* (2015), que é uma reunião de poemas de diversas temáticas; e *Um quarto de cortinas azuis* (2014), que foi o primeiro livro de poemas e o responsável por todos os projetos que se seguiram. No início de 2021, lançou um livro cartonero, feito à mão e com capas de papelão pintadas, chamado *Gotas, pingos e grãos*, uma coletânea de poemas do gênero poetrinx (tercetos que possuem, no máximo, 30 sílabas poéticas). Em 2021, já participou de duas antologias poéticas organizadas por editoras e

aguarda o lançamento de mais duas. Além disso, prepara a edição do seu primeiro livro de poemas para crianças, ainda em fase de ilustração.

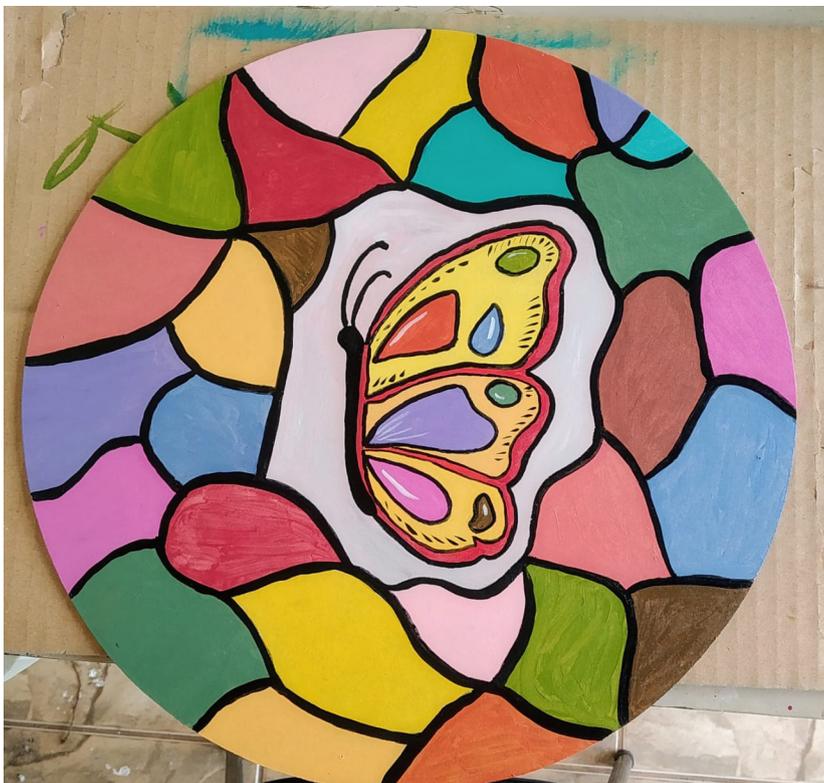
Recentemente, Júnia tem se descoberto uma artista plural. Além da literatura (não tem se mantido somente neste lugar), faz pinturas em tela e mandalas poéticas, por exemplo. Um recente projeto que lhe trouxe grande realização pessoal e profissional foi a confecção dos livros cartoneros, produzidos manualmente com lindas capas de papelão pintadas à mão. Nessa perspectiva, observa que, por serem produções distintas, em momentos diferentes de sua vida, produz artes diferentes. Em momentos de maior tristeza, tende a se dedicar à escrita de crônicas e poemas, enquanto em momentos de alegria prevalece a produção de outras formas de arte mais abstratas, como a pintura, por exemplo.

Durante a pandemia, teve uma primeira percepção de que o momento demandaria um tempo muito limitado, facilitando, inclusive, sua produção mais no período inicial. Porém, com o passar do tempo, o permanecer em casa, constantemente, fez com que sentisse que a casa estava “pequena demais” e, assim, a ansiedade começou a bater à porta. A partir daí, começou a pensar numa melhor maneira de fazer a gestão do seu tempo e a readaptação tão necessária ao momento, assumindo uma postura de grande resiliência. Percebeu que o momento, por ser peculiar, produziu, também, manifestações artísticas peculiares, nas quais o processo de escrita das crônicas, por

exemplo, foi mais dificultado e o processo de escrita de poesias se deu de forma mais facilitada, devido à alta introspecção que o momento propiciou.

Assim, adotou a arte como uma maneira de aliviar os sentimentos tão confusos oriundos deste tempo. Por meio da produção artística, sentiu um atravessamento mais intenso durante o momento, propiciando uma busca mais efetiva do autoconhecimento e mecanismos de enfrentamento às angústias da vida.

Figura 19: Desenho



Fonte: Júnia Paixão

Capítulo 4

Diversidade artística

Entrevistas a Phaloma Lílith Vilaça Silva

4.1 Guilherme Rodrigues Guadalupe

Guilherme Rodrigues Guadalupe, 31 anos de idade, natural de Divinópolis (MG), relata que é neto de Joaquim Guadalupe, ex-combatente do Exército brasileiro e participante ativo da Segunda Guerra Mundial. Quando perguntado como surgiu seu interesse pela cutelaria, ele apresenta dois exemplos de dentro da própria casa: “Primeiramente, fui influenciado pelo meu avô, por ter vivenciado experiências de guerra e lidado com armas, espadas e facas, e por minha mãe, Juraci das Graças Rodrigues Guadalupe, que sempre gostou de experiências de acampamento, de estar em contato com a natureza etc.”

Aos 10 anos, Guilherme ganhou de seu pai, Roberto Gonçalves Guadalupe, o primeiro canivete norte-americano, com um fio de corte de excelente qualidade e que nunca perdia o corte. Em contrapartida, ele observava que as facas que tinha em casa, com o passar do tempo, perdiam o corte. E sempre se perguntava por que seu canivete continuava em perfeito estado e as facas de sua casa sempre perdiam o fio de corte tão rápido. Foi, então, que Guilherme começou seu interesse e suas pesquisas sobre as facas, voltando-se para o universo cutedeiro. Aos 18 anos, iniciou as pesquisas e os estudos e descobriu o processo artesanal das facas, dando início a sua paixão pela cutelaria.

Há 13 anos no mercado couteleiro, Guadalupe relata que, após as pesquisas e criações de suas facas artesanais, conseguiu realizar sua primeira venda após três anos de estudo e fabricação. Desde o início até sua primeira venda, foram muitas pesquisas e descobertas. Ele fabricou, nesses três anos, cerca de 10 a 15 facas, até se sentir apto a comercializar o produto. Como já está inserido no mercado couteleiro, Guilherme relata algumas de suas experiências em relação aos diferentes tipos de aços existentes. Há os artesanais, específicos para profissionais couteleiros, sendo o aço de alto carbono em liga especial como, por exemplo, SAE-5160 e SAE-52100 (aços artesanais de altíssima qualidade e aços industriais), específicos para a indústria com larga escala no processo de fabricação e de qualidade inferior, tanto no corte quanto na resistência e durabilidade.

A venda de suas peças é feita totalmente via internet, mais especificamente por meio do Facebook e de grupos de pesca. Seu público-alvo, geralmente, são colecionadores, pescadores, militares, biólogos, *chef* de cozinha, churrasqueiro profissional, entusiastas de *chef* e pessoas ligadas ao campo. O tempo de produção de seus produtos varia de acordo com o modelo desejado. Há peças que podem ser produzidas em até oito horas e outras que levam de três a quatro meses.

Parte da matéria-prima para a confecção das peças é comprada pela internet, como, por exemplo, a madeira certificada, que é usada atualmente em suas confecções, ou a madeira reaproveitada de demolição

ou de móveis antigos. Ele utiliza, também, osso e chifre de boi e de búfalo que compra de matadouros e açougues, ou de cervo importado, sendo todos certificados, já que nenhum material silvestre brasileiro pode ser comercializado. O aço também é comprado pela internet ou em Divinópolis.

Quando é interrogado sobre o que sente ao produzir suas facas, Guilherme relata que, antigamente, era uma pessoa ansiosa e, atualmente, não é mais. Ele afirma que é muito prazeroso e terapêutico executar e criar suas peças e diz não se considerar uma pessoa estressada, acreditando que, justamente por ter paciência para a criação das facas, ministra, inclusive, cursos.

Ao perguntar a Guilherme sobre os efeitos da pandemia no seu trabalho, ele relata que sentiu poucas mudanças em termo de finanças, afirmando que houve, sim, uma queda inicial, mas “nada muito drástico”. Ele acrescentou uma observação sobre seu mercado, que teve uma baixa devido ao programa *Desafio sobre fogo*, exibido pelo canal History. De acordo com ele, após este programa, houve uma popularização da cutelaria, que seria algo positivo se as pessoas tivessem consciência sobre o ramo cuteleiro. Seria uma forma positiva de divulgação e poderia, inclusive, alavancar suas vendas. Porém, segundo Guadalupe, “o brasileiro não tem conhecimento sobre a cutelaria e, através do programa, as pessoas começaram a ter conhecimento sobre a existência desse mercado, despertando o interesse das mesmas pela cutelaria, mas, de certa forma, prostituiu o mercado”. Segundo relato de Guilherme,

muitas pessoas tiveram acesso e interesse, porém não se aprofundaram realmente no universo cuteleiro, não estudaram, não pesquisaram e simplesmente começaram a fabricar as facas artesanais em larga escala com materiais inferiores e preços muito baixos. Guilherme expõe que estas pessoas “visam somente o lucro da produção e venda e não se apaixonaram, verdadeiramente, pela arte da cutelaria, pela beleza das peças, por todos os detalhes e pela qualidade que tais peças necessitam”.

Desta forma, os produtores das facas artesanais começaram a comercializar as peças com um valor muito inferior, atingindo, assim, o cuteleiro apaixonado e pesquisador de facas Guilherme Guadalupe. De modo que alguns clientes deixaram de comprar com Guilherme porque alegavam que o preço dele estava superior. Ou seja, devido à prostituição da profissão, o mercado da cutelaria foi afetado, não somente pela pandemia, mas, principalmente, pela popularização que ocorreu através do programa. No entanto, Guilherme continua atuante no mercado. Atualmente, porém, está trabalhando com carteira assinada, sendo que, no passado recente, viveu durante 13 anos somente de sua arte, a cutelaria. Observa-se que Guilherme não parou, apesar das dificuldades, e continua a mergulhar nesse universo de apaixonados por facas artesanais, carregando no sangue o amor por tudo o que lhe marcou e aprendeu com o avô, sendo esta, então, sua maior herança.

Figura 20: Cutelaria



Fonte: Guilherme Rodrigues Guadalupe

4.2 Joel de Lara

Joel de Lara Marques (Jojo, Enjols ou Joelito) é um grande músico e professor de música da cidade de Divinópolis, natural da capital mineira, Belo Horizonte, e divinopolitano de coração.

Joel é filho de José Roberto Lara Marques e Marta Pereira Tavares Marques e irmão de Maria Estér de Lara Tavares Marques. Ele relata que sempre teve uma alma musical e foi influenciado por diversos músicos na família ou por entusiastas da música. Seu pai, além de cantar, toca flauta transversal, sax, violão e sanfona. Ele conta que sua mãe trabalha na Receita Federal. O avô materno, Sr. Quincas Tavares, foi um grande incentivador de Joel. Desde criança, ele adorava cantar, tocar sanfona, cavaquinho e violão, entre outros instrumentos. Além do avô, Joel relata que teve fortes influências musicais através dos seus tios. Kiko Lara é um deles. Ele sempre viveu de música, mesmo estando aposentado. Assim como Gê Lara, que também vive de música, e Elano Lara (Lemão), que também viveu de música por muitos anos e, atualmente, trabalha com massas italianas, realizando *delivery*.

Observa-se que todos eles foram peças fundamentais na vida do Joel e grandes incentivadores da sua música. Joel explica que seus tios sempre estavam convidando-o para tocar junto com eles. Inclusive seu tio Lemão deu a ele uma guitarra de 1970, guardada por Joel com todo carinho até hoje. Fez também aula com seu tio Kiko, sendo todos eles grandes inspirações para Joel. Aos 14 anos, Joel e seu primo Lelis (Piricudo)

montaram sua primeira banda, chamada Nil Oahs, na qual Joel tocava guitarra e seu primo Lelis, baixo. Seu outro primo André, filho de sua tia Raquel, cantava. O Gabriel Arruda tocava bateria e seu amigo Pedro, outra guitarra. Joel, desde os 3 anos de idade, já tinha contato com o violão e conta que sua tia Meire Tavares Ordones Lemos, mãe do Lelis, teve também um papel de suma importância em sua vida, pois, na escolinha em que Joel estudava, ela dava aula de musicalização e, a partir disso, com cerca de 7 anos de idade, Joel pegou o violão para aprender a tocar realmente.

O tempo foi passando, e Joel cada vez mais se inseria no universo musical, tendo diversas bandas até que, ao se formar no ensino médio, prestou vestibular, primeiramente na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e, logo após, na UFSJ, na qual foi aprovado e, assim, iniciou uma nova fase de sua vida, aprofundando fortemente na música. Quando Joel entrou na Universidade, houve um projeto interno no qual os alunos poderiam ministrar aulas no Conservatório da cidade de São João del-Rei, e Joel foi um deles. Ele relata que fez parte de uma banda daquela cidade chamada Galwem, que existe ainda hoje, tendo participado, também, de João e Maria, uma das primeiras bandas autorais de Divinópolis, com o Neemias e o Tuti. Ele relata ainda que participou de Cores e Coisas, lançando um CD. Assim que se formou e retornou a Divinópolis, em 2014, Joel e alguns amigos abriram uma escola de música chamada Try, onde dão aulas de canto, violão, guitarra, ukulele, teoria musical e inglês.

Atualmente, Joel faz parte de uma banda de Divinópolis chamada Texas Radio, na qual ele e os outros integrantes dizem que entraram em 2017, após um dos integrantes sair. Joel comenta: “Fiquei muito liasonjeado em fazer parte da banda”. Ele conta que tiveram a oportunidade de tocar até na Festa do Peão de Barretos (SP). Com riqueza de detalhes, Joel revelou que seu primeiro *show* com a banda foi na cidade de Araçatuba (SP), no dia 10/3/2017. Ele expressa: “Adorei e minha emoção e satisfação estavam nas alturas, mas, infelizmente, no contexto atual em que vivemos, a banda teve que dar uma pausa nos *shows*”.

Mesmo com a impossibilidade de realizar *shows* ao vivo, a banda promove lives e ajuda a arrecadar dinheiro para a compra de cestas básicas para famílias carentes. Nesse período de pandemia, Joel continua fazendo da música o seu maior lazer. Desde sempre inserido no meio musical, aprendeu a amar a música de forma incondicional e afirma: “Entendi, desde sempre, que a música é um grande instrumento de magia, e é ela que tem me ajudado a passar por essa fase difícil que o mundo todo vive”. Sendo a música sua paixão e distração, ele afirma: “É a minha terapia mental e física, a minha companheira de todas as horas”.

Figura 21: Foto da banda



Fonte: Joel de Lara

4.3 Maria Cândida Duarte

Maria Cândida, natural de Divinópolis (MG), relata que, na sua infância, na escola onde estudava, havia um grupo que se chamava Clube de Mães, que ensinava as crianças a fazerem crochê, pintura, tapete e tricô. Ela afirma: “Nunca me esqueci do que aprendi na época da escola”. Quando cresceu, Cândida começou a trabalhar em uma fábrica, fazia desenhos artísticos e era cortadeira. Produzia desenhos de camisas tradicionais e, também, inventava alguns modelos diferentes. Trabalhou nessa fábrica por muito tempo. Quando saiu de lá, foi trabalhar por conta própria, fazendo desenhos para uma estamperia, e comprou todos os materiais necessários e fazia os desenhos em casa. Passava os desenhos para o papel vegetal e os vendia prontos para a estamperia passar somente para a tela para silcarem as camisas.

Cândida conta que, quando engravidou de sua filha Júlia, precisou ter uma renda mais estável. Foi aí que começou a trabalhar como vendedora em uma pronta-entrega. Ela relata que, após o nascimento de Júlia, no tempo em que esteve de licença, a tia de sua filha deu a ideia de elas fazerem peças íntimas. Após isso, compraram o maquinário e iniciaram uma sociedade, na qual Maria Cândida cuidava da parte da execução das telas. Mas ela relata que, posteriormente a isso, se casou e teve de voltar a morar em uma zona rural, acabando, então, por ficar longe de seu trabalho na cidade. Ela relata, então, a necessidade de trabalhar

mais uma vez em casa, dado que tinha outros dois filhos pequenos.

Cândida relata que o trabalho realizado desde sua casa consistia em bordar roupas de fábrica, utilizando pedraria e bordados. Ela permaneceu neste trabalho por muitos anos. Mas alega que teve de deixá-lo porque “a moda vem e vai” e a pedraria não era mais utilizada na produção das roupas.

Cândida conta que sua irmã pediu que ela bordasse um vestido de casamento e, posteriormente ao evento, sua irmã tentou vendê-lo, mas, por sorte, a dona da loja se interessou por seu trabalho e havia pedido a sua irmã seu número para que pudesse entrar em contato com Maria Cândida. Desde aquele momento, ela começou a receber encomendas de produção da loja, bordando vestidos de noivas durante quatro anos. Com o passar do tempo, a moda de pedraria ficou muito reduzida. Foi, então, que Maria Cândida, como ela própria conta – “não gosto de ficar parada” –, iniciou um curso de salgados, começando a fabricação e venda. Ela permaneceu durante nove anos vendendo salgado na roça.

Quando é indagada sobre os efeitos da pandemia, Maria Cândida afirma que esta atrapalhou seus negócios e, por ser do grupo de risco e ter histórico de bronquite, teve de dar uma pausa em suas vendas, por sair para fazer as entregas, e que “preferiu não se arriscar diante do atual contexto”. Maria Cândida precisou ficar em casa, momento no qual começou seu negócio de vender tapetes para banheiros, cozinha e

demais ambientes domésticos. Ela relata que a ideia do negócio partiu de sua filha, que comprou para ela barbantes para que, segundo Cândida, “pudesse distrair a cabeça”, e, a partir disso, deu início ao negócio no qual ela permanece até hoje. Cândida alega que sempre amou tudo relacionado a artes, que sempre teve facilidade em aprender e sempre foi muito caprichosa e detalhista, tendo muito bom gosto. Ela acrescenta: “Amo artesanato; além de gerar uma renda com eles, também é uma terapia”. Cândida diz que, quando se senta para realizar uma peça, levanta-se somente quando a finaliza: “Entra o dia e entra a noite”. Observa-se que o artesanato é um ponto crucial na vida de Maria Cândida, que ama o que faz, e que este é um aspecto confortante em sua vida, principalmente em um período difícil como o da pandemia.

4.4 Ana Moreira

Ana Moreira, artesã dedicada e detalhista. Ao indagar a Ana como o artesanato surgiu em sua vida, ela relata que, desde muito nova, sempre gostou de artes e artesanato. Em sua família, desde suas avós, eram comuns a pintura e o bordado. Seus familiares possuíam habilidades com massa fria, conhecida, atualmente, como *biscuit*. Ana relata que tem muito apreço por um quadro que ganhou de sua avó, pintado por ela em 1910 com pasta fria. As avós de Ana sempre foram muito habilidosas com trabalhos manuais. Ela acrescenta: “E esse dom, essa habilidade, foi passando de geração em geração. Habilidades com pinturas, bordados, inclusive cozinhar e decoração de pratos”. Então, Ana cresceu nesse meio de atividades relacionadas à arte, trabalhando, durante anos, em escolas como professora de Artes.

Ana conta que, em março de 2014, sua sobrinha pediu para ela fazer uns doces para o batizado de seu filho, mas foi surpreendida, após o evento, com a notícia do sucesso de seus doces e até mesmo com pedidos de encomendas para o final de semana seguinte. Ela conta que, assim, foram surgindo as encomendas e que, com isso, foi despertado o interesse em trabalhar com doces. Ela alega: “O carro-chefe sempre foram os biscoitos decorados, mas também faço ovos de Páscoa e os docinhos para as festas”.

Ana trabalha em casa, fazendo seus artesanatos, e tem a ajuda de sua filha Júlia. Sua maior forma de

divulgação é através da indicação de outras clientes, que encomendavam seus biscoitos e doces e comentavam com outras pessoas e, assim, iam surgindo novas clientes e encomendas. Além de ser sua fonte de renda, o artesanato é uma espécie de terapia para Ana, principalmente em tempos de pandemia. Ela afirma: “Além de prazeroso, acaba sendo uma distração e *hobby*”.

4.5 Laura Franciscani

Laura Franciscani, mineira de Divinópolis, é estudante de Enfermagem na UEMG e realiza desenhos digitais. Ela relata que sempre gostou de desenhar: “Sempre fui muito criativa, e herdei essas características de minha mãe, Eunice Elaine Gomes Franciscani”. Laura conta que, desde sempre, adorava pintar quadros e porta-copos e sempre teve essa alma artística, fazendo também crochês.

Laura conta que começou a desenhar a partir dos 12 anos de idade. Apesar de bem novinha, já era muito criativa. Atualmente com 20 anos, Laura realiza desenhos digitais, através do celular, e utiliza aplicativos específicos para desenhos e artes. Ela diz que adora produzir desenhos livres. De acordo com a inspiração do dia, ela desenha pessoas e *cartoons*; inclusive, já pintou quadros. Ela conta que o que a inspira mesmo é realizar artes pessoais. Laura fez uma releitura de *A noite estrelada*, de Vicent van Gogh, e pintou um belíssimo quadro – inclusive chegou a vendê-lo.

Ao questionar o que a levou a começar a fazer essas

artes, os quadros e os desenhos digitais, como o da sua personagem chamada MOR de um dos seus jogos favoritos de RPG de mesa, Laura relata que foi por estar com o tempo livre e tentar transformar os sentimentos ruins em coisas boas. Em setembro de 2019, Laura deu início aos seus desenhos digitais para preencher o tempo e a mente.

Quando é questionada sobre o efeito da pandemia na sua vida, Laura relata que a pandemia fez com que muitas pessoas se reinventassem. E ela simplesmente começou a trazer os seus desenhos para o mundo digital, fazendo de seu tempo livre um grande lazer, no qual aperfeiçoa, cada vez mais, suas técnicas e rouba o coração das pessoas que conhecem sua arte. Ela conta que seus amigos são seus maiores apoiadores e que a pedem para realizar desenhos de si próprios ou de algum momento especial de suas vidas para presentear a quem amam ou até mesmo para eternizarem os belos momentos da vida.

Figura 22: Desenho digital



Fonte: Laura Franciscani

4.6 Cíntia Fernandes

Cíntia Fernandes é natural de Divinópolis (MG), onde mora e trabalha atualmente. Cursou Moda e deixou bem claro sua paixão pelo mundo *fashion*. É artesã e trabalha com customizações personalizadas. Quando é indagada sobre sua trajetória na moda, Cíntia conta: “Sempre fui muito tímida e sentia muita vergonha de me vestir como queria, de ousar nos *looks*, no sentido de me expressar, demonstrar minha identidade através dos *looks*. Apesar de ser apaixonada por moda”.

Aos 26 anos de idade, ela relata que começou a se encontrar na moda. Mesmo passando por um período muito difícil, em que foi diagnosticada com depressão, foi no universo da moda que Cíntia encontrou um caminho para expulsar toda a tristeza e angústia que estava vivendo. Ela alega: “Busquei forças de dentro e comecei a me expressar através de minhas roupas”. Observa-se que foi uma forma muito sensível e inteligente de poder transmutar a sua realidade e criar outra, na qual se sentia livre, forte e confiante e eliminava suas tristezas ao se vestir como sempre quis, com atitude e muito estilo.

Aos 27 anos, iniciou sua vida acadêmica e deu início à realização do seu sonho: cursar *Design* de Moda. Era nítida sua felicidade ao relatar que estava vivendo um sonho, podendo se vestir da forma como quisesse, e que estava tudo “ok, tudo normal”. Ninguém a julgava nem ficava reparando como ela se vestia. Ela alega que foi uma fase muito prazerosa em sua vida.

Ao ser perguntada sobre como surgiu seu interesse pela customização, Cintia relata que sempre fez customizações em suas próprias roupas e nas roupas de sua filha Isa. Em 2020, quando foi iniciada a pandemia, Cíntia conta que começou a surgir diversos pensamentos e ideias em sua mente, entre os quais colocar sua filha para participar de aulas de três tambores e a ingressar no universo *country*. Foi neste período que surgiu a vontade de começar a customizar peças *country* e vendê-las, dando início a sua marca, Miss Jackett. Ela conta que as peças mais pedidas são as jaquetas customizadas com a imagem dos cavalos das competidoras, com pedrarias, correntes e bordados, fazendo exatamente o gosto da cliente. Além de jaquetas, ela customiza calças *jeans*, saias e camisas, dentre outras peças. É um trabalho todo feito à mão e de muita qualidade e bom gosto. O universo da moda não somente é uma fonte de renda para Cíntia, como também é um meio de linguagem, uma forma de se comunicar e se expressar com o mundo, por meio de suas peças. Observa-se que a moda, para Cíntia, é uma terapia na qual ela se encontra e deixa sua marca no mundo através de suas criações.

Figura 23: Arte sobre pano



Fonte: Cíntia Fernandes

Capítulo 5

A arte como expressão da vida

Entrevistas a Reginaldo Lopes da Silva

5.1 Élide Flavia de Paula Santana

Élide é natural de Divinópolis (MG), tem 40 anos de idade e sempre gostou de trabalhos manuais. Desde menina, faz artesanato; acha que tem um dom para isso. Hoje, fabrica vasos pequenos de cimento e artesanato com latas de leite Ninho recicladas e gosta de fazer várias coisas. Antes da pandemia, pintava pano de prato. A ideia de fazer os vasos surgiu durante a pandemia. Gosta muito do artesanato manual; considera uma terapia. Acha que o artesanato não tem o merecido valor por parte das pessoas.

No início, presenteava amigos com sua produção. Depois, passou a vender através de encomendas pelas redes sociais. Tem um ateliê dentro da própria casa e pretende construir, no quintal, um local para sua produção. No início da pandemia, ficou dois meses em isolamento, sem produzir nada. Depois do segundo mês, teve de sair para trabalhar porque não tem condições de ficar só em casa. Tem outras atividades, faz faxina e unha em domicílio e cuida da casa.

Considera que é nas crises e nas dificuldades que podem surgir novas oportunidades. Mesmo com a pandemia, sente-se bem. Tem consciência de que é uma situação preocupante que todos estamos viven-

do, mas precisa trabalhar, não somente pelo financeiro, e sim, também, por ter uma atividade, ter o que fazer, ser produtiva. Segue todas as orientações como prevenção e espera a proteção divina. Diz ser evangélica praticante e confia no poder de Deus.

Tem quatro filhos, sendo o mais novo com 1 ano e 7 meses. Ele chegou sem planejamento, o que fez com que ela interrompesse o curso de Direito no 6º período, mas pretende retomá-lo assim que houver possibilidade. O curso exige muita leitura, e ela quer fazê-lo bem feito; não somente ter um diploma. Cada um tem o seu tempo e considera que é Deus quem determina tudo. O marido trabalha em outro município e fica ausente de segunda a sexta-feira, retornando para casa somente nos finais de semana. O filho de 18 anos ajuda muito em casa, cuidando do irmão mais novo e de outras atividades. Tem a irmã que mora perto e ajuda muito também.

Considera-se ousada, aventureira, sonhadora, gosta sempre de conhecer algo novo e lugares e de aprender coisas novas. Acha que o humano tem muito potencial para empreender; cada um tem o seu. Tira um tempo para cuidar de si, recebendo massagem semanalmente e fazendo atividade física duas vezes por semana, mas tem faltado muito. Pretende retomar para dar sequência. Entende a importância que é manter a mente e o corpo saudáveis.

Figura 24: Profissões



Fonte: Élide Flavia de Paula Santana

5.2 Iara Helena Eugenio

Iara Helena Eugenio é natural de Divinópolis (MG), onde reside, tem 60 anos de idade, é casada e faz artesanato em tecido. Encontramos virtualmente nos dias 22/12 e 12 e 19/1, quando ela contou um pouco de sua história.

Filha de pai militar do Exército, foi criada com muita disciplina e sem a possibilidade de escolhas, já que a mãe também era muito possessiva e praticamente dominava a casa, mesmo com o pai militar. Como é muito acolhedora, tomava conta dos irmãos. Nunca pôde namorar, por imposição dos pais, que lhe davam de tudo em troca de que ela atendesse a essa condição. Poderia viajar, passear, ganhava roupas e outros presentes, mas nunca namorar. Aos 21 anos, surgiu uma possibilidade de casamento, o que fora rechaçado pelos pais.

Aos 36 anos, levou um rapaz na casa dos pais e o apresentou como namorado, mas eles não gostaram. A reação da mãe foi jogar todas as suas coisas na rua, quebrando outras e falando mal dela para outras pessoas. A mãe se separou do pai porque não queria conviver com ela. Então, pensou em sair de casa para que a mãe pudesse voltar. Queria ir embora para tentar uma solução, mas precisava de dinheiro que não tinha, e a o pai não quis lhe dar.

Foi morar com o namorado e sentiu um novo nascimento. Depois de certo tempo, a mãe voltou pra casa.

O pai faleceu nos seus braços em uma visita que ela lhe fez no hospital. Com o tempo, a mãe a queria por perto, mas um dos irmãos influenciou a família para ela não ficar. Ela avisou aos irmãos que, quando a mãe precisasse, ela voltaria. De sete irmãos, ficaram três mulheres e dois homens. Morreram dois homens. Dos sete, é a quinta filha. Revela que a rivalidade com a irmã mais velha começou com o seu nascimento, pois esta irmã queria um irmão homem para que não “caísse do galho”, ficando somente ela de mulher.

A irmã mais velha engravidou aos 22 anos. Sendo solteira, o namorado a levou para morar junto com ele e a mãe. Depois, montaram a casa e, aí, ele passou a ser agressivo fisicamente e a deixava passar necessidades até de alimentos. Muitas vezes, tirava alimentos de casa para levar para ela. Chegou outra criança, e o pai negou a paternidade porque ela era clara, sendo ele negro, porém a mãe era branca.

Alguns anos depois, o marido da irmã se suicidou, e a irmã e duas filhas voltaram a morar na casa dos pais com as duas filhas. Iara tinha 15 anos quando a irmã saiu de casa, e, mesmo assim, continuava a influenciar os pais. A mãe ficou doente por diversas vezes por falta de alimento, desidratada; não cuidavam dela. Foi quando a levou para morar consigo e, após dois anos, ela faleceu. Conta que esses dois anos junto com a mãe foram muito importantes. Considera que houve uma reconciliação entre elas, e isso a fez muito bem.

Atualmente, vive com o marido. Teve uma depressão em 2018 e, de lá pra cá, tenta se cuidar ao máximo

do que ela considera ser um reflexo do que viveu com a família. Passou a frequentar, semanalmente, aulas de zumba e artesanato na ESF da sua comunidade. Gosta muito da dança. Diz que, através dela e do canto, sente se energizar para toda a semana. Começou a fabricação de peças artesanais em tecido e, depois do início da pandemia, passou a fabricar também máscaras. Toda a sua produção é doada para amigos e pessoas da comunidade e dos encontros de que participava até a pandemia.

Cultiva horta e jardim em casa. Gosta muito dos dois *dogs* que tem. Hoje, procura prazer nas pequenas coisas do dia a dia a que antes não prestava atenção. Confessa que tem algumas barreiras na vida e acha que isso é fruto do passado e que, apesar disso, está vivendo feliz com seu companheiro, Luís Carlos, e seus cachorros.

Figura 25: Trabalhos artesanais



Fonte: Iara Helena Eugenio

5.3 Neide Aparecida da Silva

Neide Aparecida da Silva, casada, mãe de três filhos, praticante e focalizadora de dança circular e produtora de alimentos integrais. Há cerca de 15 anos, começou a dançar e não parou mais. É filha de músico, e a arte está inserida na sua vida desde o nascimento.

A dança circular é uma dança em círculo, como o próprio nome diz, em que, geralmente, as pessoas dançam de mãos dadas, com coreografias meditativas, atemporais, de cura, motivadoras, trazendo alegria, bem-estar, acolhimento, pertencimento. Alguns dizem dança sagrada, porém nada tem a ver com religião; o sagrado na dança significa o aqui e o agora.

Na dança, diz se permitir, se vê numa transcendência, se solta, sente uma espécie de levitação. Na dança, se encontra como em nenhuma outra coisa. Considera a dança uma forma de orar, olhar para dentro dela mesma e se perceber, sentir a energia do outro que está a sua volta e de todos que estão na roda. É uma energia muito forte que sente sempre que dança, um sentimento de força, do círculo, das pessoas.

Neide fala da dificuldade de algumas pessoas em sentirem o significado por trás da dança, no que ela contribui para além do ato do corpo. Essa percepção é muito sutil e individual. Por isto, algumas pessoas ficam e outras passam.

Após iniciar na dança e depois deste percurso, Neide conta que ficou mais feminina, mais confiante ao falar com pessoas em público, diminuindo a timidez que antes era frequente. Em meados de 2017, foi convida-

da para ser focalizadora de dança circular no “Arte, Poesia e Vida”, projeto social e voluntário da comunidade do bairro São José e adjacências. As danças são ministradas na praça Elizeu Zica, todas as sextas-feiras, das 7h às 8h30, com participação livre da comunidade.

Para o projeto na praça, teve de adaptar as danças e coreografias para formas mais fáceis devido ao fato de as pessoas não terem ainda o conhecimento sobre a dança. Não foi fácil, porque as pessoas não tinham nenhum senso de espaço, equilíbrio e coordenação motora. Foi necessária uma prática exercitando muito a repetição. Com o tempo, as pessoas vão se adaptando, cada uma no seu tempo e no seu ritmo, e aquelas pessoas mais experientes, que ficam por mais tempo, vão ajudando outras recém-chegadas ou que praticam esporadicamente.

Desde o início da pandemia, em março de 2020, estão suspensas todas as atividades presenciais do projeto. Estão sendo realizados alguns encontros *on-line* para dançar, apesar das dificuldades de muitas pessoas do grupo com a tecnologia para estes encontros virtuais.

Hoje, sente muita saudade de estar na praça dançando, abraçando, tocando as pessoas. Enfim, saudade da vida que tinha e tem muita expectativa de que tudo passe logo e se normalize.

Neide fala da arte como forma que nos ajudam a suportar a realidade, pois a realidade sem arte é muito triste: “A arte nos deixa mais leves e nos faz sair do peso que é a realidade”.

Figura 26: Dança circular



Fonte: Neide Aparecida da Silva

Neide faz diversas quitandas naturais e integrais há mais de 30 anos. Tudo começou quando realizou um curso de Culinária Vegetariana e aprendeu a fazer pães, entre outros pratos. No início, fazia para a família. Com o tempo, passou a vender através de encomendas semanais. Como gosta muito de fazer, ficava sobrando e, aí, algumas amigas sugeriram que passasse a vender.

No início da pandemia, parou de fazer entregas devido ao isolamento orientado pelos protocolos, mas não parou de fazer para a família. Retornou com as entregas há uns dois meses, seguindo todas as orientações de prevenção. Afinal, a vida continua.

Para ela, transformar o trigo e os ingredientes e ver o resultado de um pão bonito, sem conservantes, caseiro, feito pelas próprias mãos, tem um significado de uma terapia. As mãos estão criando alguma coisa; ali acontece uma transformação.

“Fazer o pão não se trata somente de misturar ingredientes, ali tem um pouco do meu afeto e do meu amor. Fazer pão é uma arte, já passei receita para algumas pessoas e não conseguiram. Não se trata de pegar a receita e fazer o pão; tem algo de mim ali”, conclui.

Figura 27: Pães



Fonte: Neide Aparecida da Silva

5.4 Paula Fernanda Eugenio

Paula Fernanda Eugenio é natural de Divinópolis (MG), tem 37 anos de idade, é divorciada e tem formação acadêmica em Pedagogia pela UEMG.

Desde jovem, sua mãe a levava para participar de oficinas nas quais faziam pinturas em panos de prato. Foi professora nas oficinas da APAE por um bom tempo. Através de um curso de Arteterapia de que participou em 2011, iniciou a confecção de mandalas. Um ano antes da pandemia, começou a fazer mandala utilizando fios de lã e palito.

No início, seu objetivo com as mandalas era meditar, pois estava precisando e ficou sabendo que a arte da mandala ajudaria na meditação. Quanto mais ia fazendo, mais vontade de aprender ela tinha. Na pandemia, teve a oportunidade de assistir a diversos vídeos na internet para melhorar a qualidade das mandalas.

Seu trabalho é divulgado através de um perfil no Instagram denominado “Chama”. É através das redes sociais que vende a sua produção, seja por encomenda de peça personalizada ou das que faz no dia a dia.

A mandala lhe ajudou a ter uma maior conexão com várias coisas da sua vida. Cada mandala tem uma história, um sentimento que é intuitivo, vem na hora em que está produzindo. Antes de fazer as mandalas, ela revela que estava tentando se encontrar; estava muito desconectada das coisas que, hoje, percebe como são importantes.

Há uns tempos, vivia trabalhando muito com objetivos bem definidos de estudar, se estabilizar, ter uma

boa casa, casar. Conseguiu tudo isso. Tinha acabado de passar em um concurso público, mas se sentia incompleta; estava infeliz. Foi quando resolveu fazer uma mudança na vida. Largou tudo e foi morar na Suíça, deixando tudo o que tinha, doando os pertences da casa, levando consigo somente roupas e calçados. Seu objetivo com a viagem era tentar se encontrar, ver um sentido para sua vida, mas precisava dar uma satisfação para as pessoas que a consideravam louca por largar tudo assim e ir embora. Então, falava que era para ganhar dinheiro porque isso eles aceitavam. Somente sua mãe sabia da real situação, e ela compreendeu e aceitou.

Esta experiência de morar sozinha no exterior por dois anos, entre idas e vindas nesse período, foi transformadora em vários aspectos e, hoje, ela tem a convicção de que essa mudança alterou a sua vida. Foram muitas transformações internas, nos valores, na visão de mundo. Enfim, hoje, ela se sente como se fosse uma outra pessoa e diz o quanto é interessante perceber como essa transformação está influenciando as pessoas da sua família.

Está havendo um movimento de reconciliação familiar intenso entre os membros da família, sendo a mais marcante agendada para o dia 24 de dezembro, ocasião em que vai acontecer o retorno para a mesma casa dos pais e filhos, até então separados por diversas circunstâncias. Ela pensa que essas mudanças nos outros têm relação, também, com o irmão que morou no exterior por 10 anos.

Foi criada na religião evangélica, porém, hoje, não segue nenhuma, mas acredita no amor e na boa vontade. Acredita numa força maior que rege as pessoas. Penso que está aqui para se transformar.

Mora sozinha desde os 27 anos, sente-se realizada, consciente de que ainda precisa melhorar algumas coisas, mas reconhece que já caminhou muito nesse sentido. A pandemia, para ela, veio para que pudesse dar uma parada na vida e aprender a ter prazer no que faz, sem a preocupação com ganhar dinheiro ou trabalhar muito, o que resultou num foco maior nela mesma, com mais qualidade e presença em tudo.

Figura 28: Mandala



Fonte: Paula Fernanda Eugenio

5.5 Sílvia de Assis Costa e Silva

Sílvia de Assis Costa e Silva é natural de Divinópolis (MG), onde reside, tem 61 anos de idade, é casada e aposentada. No dia 28/12, nos encontramos virtualmente, e ela nos contou um pouco da sua história de vida.

Foi professora de Química por 40 anos e, um ano após se aposentar, descobriu a Aromaterapia, que tem tudo a ver com a Química, segundo ela. Agora num formato diferente, não prepara aluno, prova, laboratório, sente imenso prazer em fazer desodorante, perfume, vela e sabonete e ainda atende como aromaterapeuta. Faz cremes também. Diz que gosta muito de fazer o sabonete. Pensa ser uma lembrança, uma sensação boa que se empodera do corpo. É um trabalho demorado, que dura um dia inteiro, e ela se sente conectada com a qualidade de presença:

Óleos gordurosos utilizados no sabonete acabam sendo um estudo também. O sentimento ao fazer sabonete não é uma lembrança real, mas uma sensação corporal muito boa. Como se te puxasse pra isso, exige muita atenção, controle da temperatura da gordura, tem que estar verificando, conferindo o tempo todo. Junto com a atenção, tem o prazer de ver o sabonete formado, uma gordura e soda virar sabão sem gordura e sem soda: no processo químico, há uma transformação da gordura e da soda; a soda se faz necessária porque sem ela não forma sabão; forma detergente que vai poluir. Sabonete vai trazer de volta a parte lipídica da pele.

Ela fala, ainda, que é muito prazeroso ver a reação química em benefício da saúde do corpo. Se sente valorizada quando ensina e cada um aprende a fazer; é muito satisfatório. Na pandemia, aumentou a produção. Fez um verdadeiro laboratório em casa. Fazer arte e ciência na pandemia foi e está sendo extraordinário. Percebe uma loucura coletiva com todas essas notícias ruins, a mídia com foco no negativo, gerando muita ansiedade, e não fica ligada nessas coisas. Dedicou todo o tempo ao prazer de fazer, estudar e ensinar.

Tudo envolve um processo que vai evoluindo. Antes, enrolava o sabão em um papel comum. Depois, passou a utilizar papel vegetal. Então, fazer tudo isso a leva a estudar sempre. Faz vela de cera de abelha. Outra atividade relaxante e muito prazerosa, pensar nas cores, no formato, alguém vai acender com uma intenção, aumentando seu campo energético para além de si. Vende e ensina quem quiser fazer. O perfume tem a sinergia. A pessoa diz que está triste, tem de saber qual óleo utilizar, como usar o óleo terapêutico. Sempre estudando o que vai ser melhor para a pessoa.

As coisas vão se afunilando. Assim, ela praticamente vende os produtos somente a quem atende na Aromaterapia. Os produtos viraram um complemento do atendimento terapêutico. Produtos não são uma questão financeira, e sim momentos terapêuticos enquanto faz. Sinergia é o perfume feito com óleos essenciais em uma base vegetal. Fricciona no punho e faz quatro inalações, e isso vai trabalhar as emoções, os sentimentos.

Sílvia conta que, quando se aposentou e parou de trabalhar, um dos filhos falou que ela estava muito nova e não podia parar. O outro filho mais novo falou o contrário: disse para não fazer nada. Nesse tempo, participou de um congresso de Aromaterapia em Belo Horizonte e se encantou com tudo o que viu. Saiu do congresso inscrita no curso de Aromaterapia, ficou muito envolvida com tudo e encontrou uma pessoa para ir dando suporte com treinamento e apoio. Esta pessoa tem sido muito importante na sua caminhada.

Tudo foi aparecendo muito rápido para seu encontro. Atualmente, faz curso de Naturopatia, reconhecido pelo MEC, o que vai lhe dar suporte para os atendimentos terapêuticos. Conheceu, também, o eneagrama e a medicina chinesa. Está fazendo o curso de Aromaterapia Vibracional e utilizando-o consigo própria. Diz que, às vezes, pensa por que não fez isso direito. Primeiro, foi ser professora, estudar, mas, hoje, tem consciência de que tudo isso foi aprendido e era necessário todo esse percurso:

Soltando faíscas de luzes, com todos os desafios, olho e vejo até onde posso ir e até onde dou conta. A pandemia foi uma mudança de desconstrução de teorias, de crenças limitantes, de mudanças interiores para olhar uma energia diferente que se formava. Tinha que ter outro olhar para tudo isso. Fortalecer o campo energético e uma fé em mim mesma.

Figura 29: Sabonete



Fonte: Sílvia de Assis Costa e Silva

5.6 Valério Batista Peguini

Valério Batista Peguini, natural de Divinópolis (MG), nascido em 1980, é diretor e produtor de teatro do Grupo Baal. No dia 4/2/2021, ele nos contou um pouco da sua história de vida.

Quando era criança, aos 10 anos, o tio prometeu levá-lo a uma peça de teatro da Marília Pêra no Rio de Janeiro, caso tirasse notas boas na escola. Foi a sua primeira experiência com o teatro, e aquilo mexeu muito com ele na ocasião. Na escola, sempre se apresentava para atuar, quando surgia oportunidade. Na adolescência, a família cobrou que fizesse Senai. Contra a sua vontade, acabou fazendo por um ano e meio. Considera um marco na sua vida o contato que teve com a obra de Clarice Lispector, aos 13 anos de idade. Aos 15 anos, na terapia, o psicólogo indicou que fizesse teatro. Frequentou uma escola onde fez três cursos, e o professor falava que ele não tinha jeito e, com isso, não mais o aceitou.

Passou a trabalhar com peças teatrais na UEMG. Em 2003/2004, passou a frequentar São Paulo, sendo aluno do Teatro Oficina e no Centro de Pesquisa Teatral do Sesc. Aos 24 anos, foi convidado para ser secretário de José Celso Martinez Corrêa, conhecido como Zé Celso, diretor de Teatro Oficina. Esse período foi muito rico e intenso, com aprendizado e trabalho, fazendo apresentações pelo Brasil e no exterior. Não tinha tempo para mais nada além do teatro. Nem família, amigos, relacionamentos: tudo ficou em segundo plano. Foram sete anos de trabalhos exaustivos.

Em 2012, foi acometido por crises depressivas, de ansiedade, passando a viver medicalizado. Foi quando decidiu largar todo o trabalho e voltar para Divinópolis. Com o dinheiro que conseguiu nesses anos de trabalho, adquiriu uma casa. Em Divinópolis, sentiu muita dificuldade para conseguir trabalho, sobretudo no teatro. Precisando sobreviver, passou a trabalhar em salão de beleza fazendo maquiagem. Em 2015, começou a fazer teatro no Sest/Senat, com oficinas e apresentações.

Todas as portas de emprego lhe fechavam, alegando a falta de um curso superior. Foi quando resolveu fazer ENEM, tendo conseguido uma vaga na UEMG em 2018 para cursar Pedagogia. Passou a fazer apresentações das peças na UEMG. Sentia-se valorizado nesse período; fazia espetáculo não convencional. Viajou com teatro pela região, apresentando em ItapetERICA (MG), durante o Festival de Inverno, e em Monte Verde (MG).

Quando começou a pandemia, tinha acabado de receber propostas de trabalho na localidade de Carmópolis de Minas, sendo inviabilizado devido aos protocolos de prevenção adotados, e tudo foi cancelado. Nesse período, rompeu com um relacionamento amoroso, perdeu 20 alunos do curso de teatro infantil e teve um aluno de 20 anos de idade que se suicidou. Tudo isto mexeu muito com ele emocionalmente; foram momentos difíceis. Decidiu, então, fazer uma peça com dois atores, diante da impossibilidade de mais pessoas atuando devido à pandemia. Foi quando

surgiu *A história do zoológico*. Em 2020, fez também a peça *O diário de Freud*, no Nosso Espaço de Arte, local para eventos culturais no bairro Bom Pastor. Está reativando a Mostra Divergente de Teatro, de 1996 – *Freud velho e Freud novo*.

Atualmente, está cursando o 6º período de Pedagogia e pretende dar aulas depois da formação. Contudo está muito decepcionado com o curso e a Universidade em si. Na sala, está no meio de 41 mulheres e sente que elas criam muito caso, muitos problemas; falam muito. Sente muito preconceito por todo lado – na própria família, com amigos, na faculdade e até com professores – tanto pelo teatro quanto por ser homossexual.

Possui um grupo de teatro denominado Baal, do qual é diretor e produtor, desempenhando diversas outras funções. No grupo, estudam e apresentam teatro com 10 pessoas. Pensa em sair de Divinópolis, acha que na cidade as coisas não evoluem, que o povo é meio que adormecido. Para sobreviver, tem feito trabalhos acadêmicos. Não é o que gosta, mas precisa de dinheiro para se manter. Não vê sentido na vida a não ser no teatro, mas precisa de dinheiro para sobreviver. Neste período da pandemia, está no melhor momento para criação. O problema é a falta de dinheiro.

Vive afastado da família, pois eles nunca o apoiaram e não o aceitam devido a sua escolha pelo teatro. No momento, cuida do pai acometido por Alzheimer. No seu trabalho, geralmente não aceita palpites por-

que quase sempre estes vêm de pessoas que nada entendem de teatro, e ele estudou e continua estudando muito para oferecer o melhor espetáculo, de qualidade, de alto nível, procurando sempre se renovar. Para estudar teatro, somente aceita pessoas que realmente queiram fazer teatro, que tenham disciplina, vontade, querer. Muitos que o procuram têm objetivos diversos, como diminuir a timidez, falar em público ou outras finalidades que não o teatro em si. Não são aceitos, pois essas não são finalidades do teatro, mas consequências dele. Para amenizar os sintomas da depressão, que ainda o persegue, procura ter uma rotina diária de atividades que considera preventivas, como meditação, muita leitura, filmes, atividade física e autossugestão para o padrão mental. Gosta de sua própria companhia e não sente falta da convivência social. Fica muito tempo na sua casa; faz suas próprias refeições. Gosta muito de atuar, porém, atualmente, o faz menos do que gostaria, pois tem outros papéis na peça.

Pretende passar adiante tudo o que tem desde pequeno do mundo da cultura, peças, filme, peças, livros. Doou todo o seu acervo de Teatro Oficina para o Centro de Memória da UEMG. Pensa envelhecer em outra localidade, que pode ser à beira-mar, local onde se sente muito bem, tendo já vivido momentos incríveis no litoral. Não possui religiosidade, mas uma espiritualidade na ordem de algo universal, cósmico.

“O teatro é um inferno de produção
e um paraíso de criação.”
Valério Batista Peguini

Figura 30: Teatro



Fonte: Valério Batista Peguini

Sobre os autores

André Amorim Martins

Psicólogo e professor da UEMG Divinópolis, na área de Psicopatologia e Saúde Coletiva, vinculado ao curso de Psicologia. Líder do grupo de pesquisa CNPq/UEMG “Núcleo de Psicologia sobre educação, paz, saúde, subjetividade e trabalho”.

Dalila Gotlib Basilio

Natural de Cláudio (MG), é graduanda do curso de Psicologia da UEMG Divinópolis, tendo demonstrado grande interesse pelo campo de pesquisa relacionado à Neurociência, principalmente no que tange às áreas de Saúde Mental, Desenvolvimento Humano, Psicopatologia, Psicofarmacologia, Neuropsicologia, Psicologia Cognitiva Comportamental e Avaliação Psicológica.

Jhulya Duarte

Aluna de Psicologia da UEMG Divinópolis, entrou no curso após desistir da carreira de engenheira e confessa que se encontrou. “Fazer Psicologia, pra mim, é sinônimo de completude, por poder enxergar na profissão que pretendo seguir minha realização pessoal e profissional. Ter a oportunidade de escutar as pessoas e conhecer outros mundos a partir de outros olhares significa, pra mim, explorar mais do que eu mesma jamais conseguiria sozinha! Participar deste projeto foi uma das diversas maneiras de olhar pro outro e

ter o privilégio de poder participar e ouvir um pouco de outras histórias.”

João Victor Marques Guedes

Pesquisador, é natural de Barbacena (MG). Mudou-se em 2011 para Divinópolis (MG), onde reside desde então. É graduado em Farmácia e mestre em Ciências da Saúde pela UFSJ – Campus Centro-Oeste. É graduando do curso de Psicologia da UEMG Divinópolis, tendo demonstrado grande interesse pelas temáticas de Artes e Subjetividades, Psicodrama, Processos Grupais e Psicologia Social. Atualmente, faz trabalho voluntário na Associação de Amparo às Pessoas Carentes e/ou com Câncer.

Phaloma Lílith Vilaça Silva

Graduanda do curso de Psicologia pela UEMG Divinópolis, mineira de 28 anos e natural de Divinópolis, é apaixonada pela mente e pelos comportamentos humanos e todas as suas especificidades, principalmente por assuntos relacionados à Saúde Mental. Já estagiou em Psicologia e Saúde Coletiva e Psicologia Social e, atualmente, é estagiária em Psicologia Hospitalar, em defesa da saúde mental no contexto pandêmico da COVID-19, com atendimentos em formato de Plantão Psicológico. E com imenso prazer em prestar serviços para a população em situação de rua.

Reginaldo Lopes da Silva

Natural de Tupaciguara (MG), reside em Divinópolis

(MG) desde 1970. Graduado em Administração pela Faced Divinópolis e pós-graduado em Liderança e Gestão de Pessoas. Terapeuta naturalista holístico. Atualmente, cursa Psicologia na UEMG Divinópolis. É praticante da dança circular, com atuação há seis anos como voluntário no projeto social “Dança na praça”, na praça Elizeu Zica, em Divinópolis.

Figura 31: Arte de divulgação do projeto

A arte de divulgação do projeto 'na pandemia faço arte' apresenta um design limpo e moderno. No topo, um ícone mostra duas mãos, uma verde e uma vermelha, dentro de um círculo duplo. À direita, o título 'na pandemia faço arte' é exibido em fontes modernas, com 'na' em verde, 'pandemia' em verde escuro, 'faço' em vermelho e 'arte' em vermelho. Abaixo, dois círculos de fala se sobrepõem. O círculo da esquerda contém o objetivo do projeto e o contato do responsável. O círculo da direita contém o convite para participar. Na base, há uma barra com os logos da UEMG Divinópolis, da Universidade do Estado de Minas Gerais e do Governo do Estado de Minas Gerais.

na
pandemia
faço
arte

Nosso objetivo é registrar histórias sobre como cada pessoa faz arte na pandemia

Responsável:
André Amorim Martins
Professor do curso de Psicologia da UEMG Divinópolis
✉ andre.martins@uemg.br
☎ (37) 99988-0335

Queremos escutar sua história!
Nosso encontro se dará pelas plataformas online

UEMG Divinópolis
uemg.br/divinopolis

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS | UEMG
UNIDADE DIVINÓPOLIS

MINAS GERAIS
GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.

Fonte: Assessoria de Comunicação da UEMG Divinópolis

Este *e-book* foi composto na tipografia Baskerville, em corpos 9/11,5/12/18. A diagramação foi realizada em julho de 2022 pela Assessoria de Comunicação da UEMG Divinópolis.

UNIDADE
DIVINÓPOLIS



Núcleo de Psicologia sobre Educação,
Paz, Saúde, Subjetividade e Trabalho

